

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

ALINE AZEVEDO MEDEIROS

**CONCEITOS LINGÜÍSTICOS E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A PRÁTICA
JORNALÍSTICA: ATÉ ONDE É FEITA ESSA RELAÇÃO NOS CURSOS DE
JORNALISMO?**

**Bagé
2016**

ALINE AZEVEDO MEDEIROS

**CONCEITOS LINGÜÍSTICOS E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A PRÁTICA
JORNALÍSTICA: ATÉ ONDE É FEITA ESSA RELAÇÃO NOS CURSOS DE
JORNALISMO?**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras – Português e suas respectivas Literaturas, da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Letras - Português e suas respectivas Literaturas.

Orientadora: Taíse Simioni

**Bagé
2016**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais).

M488c Medeiros, Aline

Conceitos linguísticos e suas contribuições para a prática jornalística: até onde é feita essa relação nos cursos de jornalismo? / Aline Medeiros
58 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação) -- Universidade Federal do Pampa, LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS E RESPECTIVAS LITERATURAS, 2016.

"Orientação: Taíse Simioni".

1. Linguagem. 2. Linguística. 3. Jornalismo. I. Título.

ALINE AZEVEDO MEDEIROS

**CONCEITOS LINGÜÍSTICOS E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A PRÁTICA
JORNALÍSTICA: ATÉ ONDE É FEITA ESSA RELAÇÃO NOS CURSOS DE
JORNALISMO?**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras – Português e suas respectivas Literaturas da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Letras - Português e suas respectivas Literaturas.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: dia, mês e ano.

Banca examinadora:

Prof.^a Dr.^a Taíse Simioni
(UNIPAMPA)

Prof. Ms. Adriano Souza
(UNIPAMPA)

Prof.^a Dr.^a Isabel Cristina Ferreira Teixeira
(UNIPAMPA)

Dedico este trabalho à minha família, meu
namorado, minha orientadora, meus
amigos e colegas.

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus, por ter iluminado meus passos nessa longa jornada acadêmica e pela energia positiva que transmite me proporcionando paz e sabedoria para seguir o melhor caminho.

Agradeço aos meus pais que me deram apoio emocional e financeiro em todos os momentos, que me incentivaram a estudar muito desde pequena. Tenho certeza que tudo que vocês fizeram por mim valeu a pena, pois até os piores momentos só me serviram de motivo para estudar ainda mais e querer mais do que tudo o meu diploma.

Obrigada a todos os familiares que de longe ou perto sempre torceram por mim e me mandaram energias positivas quando precisei.

Agradeço ao meu namorado que é meu porto seguro, que sempre me disse exatamente o que eu precisava ouvir, obrigada por compreender todos os momentos que precisei estudar e fazer os meus trabalhos da faculdade. Obrigada, ainda, por sempre ter acreditado em mim e sempre ter me incentivado.

Agradeço à minha orientadora Taíse por ser essa pessoa calma e paciente. Foi uma honra fazer este trabalho com a senhora, pois és uma pessoa extremamente inteligente e que me inspira. Espero um dia ser como a senhora. Obrigada por todo o conhecimento compartilhado, por todo o carinho e por toda a paz e confiança que me transmite.

Preciso fazer um agradecimento especial a alguns professores que colaboraram para a minha formação e marcaram minha vida, são estes: professora Carolina Fernandes, professor Adriano Souza, professora Isabel Teixeira, professora Lucia Corrêa, professora Claudete Lima e o professor André Paixão. Todos são excelentes profissionais, obrigada por me proporcionarem uma formação maravilhosa e pelos momentos de partilha de conhecimento. As aulas eram incríveis e vocês são meus exemplos de profissionais maravilhosos, em quem eu me espelho.

Por último e não menos importante agradeço aos meus amigos e colegas, que me apoiaram com palavras encorajadoras, com momentos incríveis e me presentearam com suas amizades que levarei para a minha vida. Obrigada por todas as viagens, apresentações de trabalho e agradeço especialmente àqueles que moram em Bagé e me acolheram sempre que precisei.

“O sucesso nasce do querer, da determinação e persistência em se chegar a um objetivo. Mesmo não atingindo o alvo, quem busca e vence obstáculos, no mínimo, fará coisas admiráveis”.

José de Alencar

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo investigar a presença de conceitos linguísticos nos cursos de jornalismo de algumas cidades do Rio Grande do Sul (RS). Esta temática foi escolhida para averiguar a visão que o aluno do curso de jornalismo tem sobre conceitos de língua/linguagem. O referencial utilizado abarca principalmente cinco correntes teóricas da área da Linguística, que são: a visão saussureana, a visão dialógica da enunciação, a visão dialógica do enunciado, a visão pragmática e a visão discursiva. Para realizar a pesquisa foram coletados os dados necessários através de aplicação de um questionário com alunos ingressantes e formandos dos cursos de jornalismo de instituições públicas e privadas do RS. Além do questionário, foram analisados os Projetos Pedagógicos de Curso das instituições selecionadas. A análise foi feita através da comparação de informações dos Projetos com as respostas dos alunos das instituições e, ainda, da comparação entre as respostas de alunos ingressantes e formandos. A pesquisa resultou em um perfil de estudante de jornalismo com uma visão pouco crítica sobre a língua, sobre os manuais de redação e que ressalta a importância da gramática normativa.

Palavras-Chave: Linguagem; Linguística; Jornalismo.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 CONCEITOS GERAIS E REVISÃO DE LITERATURA.....	10
2.1 Visão Saussureana.....	10
2.2 Visão Dialógica da Enunciação.....	14
2.3 Visão Dialógica do Enunciado.....	17
2.4 Visão Pragmática.....	21
2.5 Visão Discursiva.....	24
3 METODOLOGIA.....	31
3.1 Método de análise dos Projetos Pedagógicos de Curso.....	31
3.2 Método de análise dos questionários.....	31
4 APRESENTAÇÃO DA PESQUISA E ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	33
4.1 PPC's e realidade dos cursos.....	33
4.2 Respostas de ingressantes e formandos.....	46
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
REFERÊNCIAS.....	52
APÊNDICE.....	56

1 INTRODUÇÃO

O tema deste trabalho é a relação entre a área da Linguística e a área do Jornalismo. Esta temática foi selecionada pelo fato de ser importante que se reflita sobre a visão de língua que o jornalista tem na graduação. Segundo Moraes, a visão de língua dos estudantes de jornalismo deve ser ampliada:

Por mais bem-intencionados que sejam, em muitos manuais e livros sobre redação jornalística, o que se percebe, muitas vezes, são verdadeiros “palpites” em relação ao tratamento da língua/linguagem, o que denota um entendimento não-científico sobre o tema. Não se trata de desmerecer tais obras, que podem trazer contribuições significativas para a prática da profissão, mas de considerar que elas mesmas poderiam se beneficiar caso se respaldassem em uma concepção mais aprofundada de linguagem (MORAES, 2011, p.1322).

A partir deste tema irei analisar até que ponto se dá na realidade a relação entre a área do Jornalismo e a área da Linguística, ou seja, de que forma os estudos da Linguística podem auxiliar o jornalista na sua prática.

De acordo com os estudos de Moraes:

É interessante perceber que, em vez de reproduzir uma visão pouco crítica de linguagem, a Mídia poderia, ao contrário, por meio de sua atuação e visibilidade, contribuir, por sua vez, com a divulgação de uma visão mais abrangente de lingua(gem). A colaboração, portanto, poderia ser recíproca: a Linguística compartilharia pontos de vista teóricos com a Comunicação Social e esta, por sua vez, colaboraria com a divulgação das (às vezes velhas) descobertas da Linguística (MORAES, 2004. p.3).

A importância da relação entre as áreas a partir da visão da autora se dá pelo motivo de esta ser favorável para ambas. A área da Linguística se beneficiaria desta relação pela visibilidade da mídia, para que as descobertas e teorias linguísticas fossem divulgadas. A área do Jornalismo, por sua vez, se beneficiaria também com as teorias linguísticas, permitindo uma nova visão ao jornalista sobre a língua e seu uso, implicando, assim, em uma mudança em sua prática.

Para realização deste trabalho foi feita uma pesquisa que possibilitou a descoberta de como é (se é que é) apresentada a Linguística nos cursos de Jornalismo.

O presente trabalho tem por **objetivo geral** investigar a presença da Linguística nos cursos de Jornalismo do Rio Grande do Sul (RS). E ainda como **objetivos específicos** examinar se há componentes curriculares no curso de Jornalismo que

trabalham com uma ou mais concepções de linguagem; se forem encontradas concepções de linguagem, verificar quais estão presentes; e analisar se a abordagem gramatical ainda é importante no curso de Jornalismo.

A seção “Conceitos gerais e revisão de literatura” é formada por cinco visões diferentes: visão saussureana, visão dialógica da enunciação, visão dialógica do enunciado, visão pragmática e visão discursiva. Os principais autores citados nas visões são: Saussure, Benveniste, Bakhtin, Austin e Pechêux.

A metodologia utilizada para investigar a presença de conceitos linguísticos nos cursos de jornalismo foi a busca e análise de Projetos Pedagógicos de Curso (PPC's) dos cursos de jornalismo, de duas instituições públicas e uma instituição privada do RS, e, ainda, respostas obtidas através de um questionário respondido por um aluno ingressante e um formando ou egresso das instituições analisadas.

O trabalho é composto por esta introdução, em que é dada uma visão geral do trabalho com os seus objetivos e métodos utilizados; pelos conceitos gerais e revisão de literatura e suas cinco subdivisões, que é a parte teórica que embasa a pesquisa, citando algumas teorias da área da Linguística que podem contribuir para a prática jornalística; pela metodologia e suas duas subdivisões, que tratam dos métodos utilizados para a análise das respostas coletadas através do questionário respondido pelos alunos dos cursos de Jornalismo e dos dados encontrados nos PPC's dos cursos; pela apresentação da pesquisa e análise dos resultados e suas duas subdivisões, que apresentam de fato a análise dos dados e dos PPC's relacionando com a teoria e com os objetivos da pesquisa; e pelas considerações finais onde são apresentados os resultados obtidos com a pesquisa e os objetivos que foram atingidos.

2 CONCEITOS GERAIS E REVISÃO DE LITERATURA

As teorias selecionadas para esta pesquisa estão de acordo com os estudos de Manoel Luiz Gonçalves Corrêa (2009), apesar de existirem outras perspectivas teóricas, optamos pela obra de Corrêa que foi selecionada por apresentar a importância de diferentes correntes linguísticas para a prática do jornalista. Em seu livro *“Linguagem e Comunicação Social: linguística para comunicadores,”* o autor apresenta a contribuição de cada visão linguística para a prática jornalística, porém não é explícita no texto essa relação com clareza, portanto a relação será feita de acordo com a nossa interpretação. Trato na próxima subdivisão sobre essas visões teóricas e minhas percepções sobre a relação da teoria linguística com a prática jornalística.

Baseando-se na suposição de que os jornalistas possuem conceitos sobre a língua baseados na tradição gramatical, a obra de Corrêa colabora para a percepção de que os conceitos linguísticos sobre a língua poderiam ajudar os jornalistas a atuarem melhor em sua prática. Partindo desta hipótese, a seguir serão apresentadas as visões teóricas que serão desenvolvidas, sendo estas: visão saussureana, visão dialógica da enunciação, visão dialógica do enunciado, visão pragmática e visão discursiva.

2.1 Visão Saussureana

De acordo com alguns estudiosos, Ferdinand Saussure foi o pioneiro a contribuir para a área estruturalista da Linguística Moderna, do século XX, na Europa. Antes disso, existia uma Linguística preocupada em descrever as línguas e formar uma árvore genealógica para chegar até a “língua-mãe”. Saussure começou seus estudos ainda com esta perspectiva, porém em algum momento ele percebeu que a língua deveria ser estudada de outra maneira. Foi então que ele foi convidado a dar o Curso de Linguística Geral, na França, e então resolveu expor suas ideias inovadoras neste curso. Foram suas anotações e as anotações de seus alunos que foram reunidas e publicadas, em 1916, na obra *Curso de Linguística Geral*. A obra, para a época, foi um grande avanço na área da Linguística, pois a partir desta começou a se pensar na Linguística como ciência, mesmo que hoje a teoria possa

ser considerada ultrapassada para alguns estudiosos (Bornemann, 2011). Além de contribuir para o avanço da Linguística, Saussure desenvolveu alguns conceitos que formaram a Teoria dos Signos, que se segue mais adiante. Inicialmente tratemos dos conceitos de linguagem, língua e fala nesta perspectiva teórica.

A linguagem é conceituada, de acordo com Saussure, como:

Tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita; o cavaleiro de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence além disso ao domínio individual e ao domínio social; não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade (SAUSSURE, 2008, p. 17).

A linguagem é um fenômeno linguístico em uma instância universal, organizada através de uma estrutura. A linguagem assim como os demais fenômenos conceituados por Saussure (língua e fala) é uma capacidade humana, essa em uma abrangência maior que as demais, porém tanto a língua quanto a fala são necessárias para que possamos nos comunicar da maneira como estamos acostumados hoje.

Em uma segunda instância está a língua, tida como objeto de estudo de Saussure (2008, p. 17): “É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos”.

Segundo Rodrigues (2008), a língua é tida para Saussure como: “[...] o domínio das articulações, pois, nela, as ideias se fixam a sons, formando *articulus*, isto é, os membros da língua.” (Rodrigues, 2008, p.10). Sendo assim, para Rodrigues (2008, p.10): “a língua seria o intermediário entre o pensamento e os sons, possibilitando, assim, que entre a massa amorfa do pensamento humano e a profusão indeterminada de sons, surja uma espécie de faixa de organização à qual se chamaria *língua*.”

Além destas características, Saussure atribui um caráter homogêneo para a língua:

Centrando-me no papel de Saussure, ele mesmo um linguista que se formou nos estudos históricos sobre a língua, interessa-me ressaltar a ideia de totalidade atribuída à *língua* como objeto de estudo da linguística. Essa totalidade sistêmica, como produto da ordem atribuída aos fatos de língua, permitiu imaginar um objeto autônomo e homogêneo, fato que foi determinante não só para a existência da linguística como ciência no século XX, mas também – no caso de alguns dos seguidores de Saussure – para a sua presumida independência como disciplina científica (CORRÊA, 2009, p.24).

De modo sucinto, a distinção entre a língua e a fala pode se dar de modo que a língua compõe o sistema de regras e a fala constitui a sua realização concreta. Ambas, assim, formam a dicotomia que constitui a linguagem.

Conceituando, de acordo com Saussure, a fala:

Um ato individual de vontade e inteligência, no qual convém distinguir: 1º, as combinações pelas quais o falante realiza o código da língua no propósito de exprimir seu pensamento pessoal; 2º, o mecanismo psico-físico que lhe permite exteriorizar essas combinações (SAUSSURE, 2008, p. 22).

Esses conceitos ajudam a perceber a grandeza e a complexidade da linguagem e suas particularidades. A necessidade de o jornalista ter contato com esses conceitos fica clara, pois se pressupõe que o estudante de jornalismo tenha conhecimento maior sobre questões técnicas da língua. Como citado anteriormente, Moraes (2011) afirma que é necessário que o jornalista tenha um olhar crítico sobre os manuais de redação já que estes apresentam “palpites” tratando-se dos conceitos de língua/linguagem. Na falta de conceitos linguísticos sobre a língua, o jornalista deve se apoiar em teorias como, por exemplo, a de Saussure para ter uma visão científica da língua.

Tratemos agora de mais uma contribuição de Saussure, a teoria dos signos. Saussure (2008, p. 81) afirma que o signo linguístico é arbitrário, e ainda: “Chamamos signo a combinação do conceito e da imagem acústica: mas, no uso recorrente, esse termo designa a imagem acústica apenas, por exemplo, uma

palavra”. O signo é formado pelo significante (imagem acústica) e pelo significado (conceito). Estes são arbitrários, ambos estão relacionados pelo motivo de um significar por aquilo que o outro não é.

Essa teoria ajuda a compreender questões como a da linguagem verbal tratadas por Corrêa (2009, p. 15): “Pois bem, no que se refere à linguagem verbal, embora normalmente não consideremos a complexidade do vínculo com as palavras e as coisas, nosso contato com os símbolos insiste em se evidenciar quando falamos ou escrevemos.”

E ainda sobre questões de linguagem não-verbal:

Com efeito, quando deparamos com a capa de uma revista nas bancas de jornal, admiramos a arquitetura de um prédio ou o traçado de uma rodovia, intrigamo-nos com o (grande ou pequeno) destaque dado a uma notícia em virtude da diagramação de um jornal, observamos uma viela mal cuidada ou uma pinguela sobre um rio, admiramos a engenhosidade de um roteiro de filme, surpreendemo-nos com a grandiosidade de uma barragem, com o inteligente desenho de um produto ou com a sonoridade de um instrumento feito toscamente por um artesão, nem sempre notamos, nessas situações, a natureza simbólica de tais produtos. Ou, se as reconhecemos como produtos de cultura, nem sempre estamos aptos a dar a devida extensão ao fato de nos inserirmos numa dada prática social quando, por exemplo, adquirimos aquela revista (CORRÊA, 2009, p. 15).

Tanto a linguagem verbal quanto a não-verbal têm o signo muito presente em seus usos, mesmo que de forma despercebida, natural, ainda que tenham suportes diferentes.

Na prática apresentada por Corrêa (2009)¹ em que é indicada a colaboração da teoria de Saussure com o uso do jornalista, é proposto aos alunos de graduação do curso de Comunicação Social que construam um relato de um encontro em que é necessário mais do que apenas reproduzir fielmente os acontecimentos.

O que o autor tenta fazer com que o aluno de jornalismo perceba é que existe mais de uma visão sobre a língua além da visão normativa já conhecida. Ainda faz

¹ As atividades práticas propostas por Corrêa (2009) possuem textos que apresentam as teorias linguísticas e também textos ficcionais. O objetivo destas práticas é fazer com que o aluno conheça teorias linguísticas e que percebam de que forma podem colaborar para a prática jornalística.

com que o aluno note a complexidade por trás das palavras, como um símbolo pode ter vários significados e como pode representar coisas diferentes de acordo com o contexto. Corrêa (2009, p. 30) diz: “Não se trata, pois, da escolha pura e simples de palavras. Pelo contrário, é preciso ajustar o sentido das palavras à força de seu emprego”.

Saussure pode colaborar então, nesta prática, com sua teoria do signo, mais especificamente com a relação entre significante e significado, que pode fazer toda a diferença no momento de escrever.

2.2 Visão Dialógica da Enunciação

Corrêa (2009) ressalta três ideias consagradas de Benveniste, sendo estas: a presença da subjetividade na linguagem e a oposição entre pessoa e não-pessoa, o processo de estabelecimento da referência por meio da enunciação e a negação de um caráter instrumental para o sistema linguístico. A seguir irei tratar apenas da primeira e da terceira, pois vejo que são as que contribuem mais para o trabalho.

Uma das ideias mais conhecidas de Benveniste é a oposição entre pessoa e não-pessoa:

Ao descrever o sistema pronominal, Benveniste distingue os pronomes da pessoa (1ª e 2ª) dos pronomes da não pessoa (3ª).

Os primeiros designam os interlocutores, os sujeitos envolvidos na interlocução (em português: eu, eu você; nós vós, vocês); os últimos designam os referentes (seres do mundo extralinguístico de que se fala) e, assim, não devem ser colocados na mesma classe dos primeiros (KOCH, 2000, p.14).

A noção de pessoa e não-pessoa aparece junto com o que o autor chama de aparelho formal da enunciação:

Além de introduzir a reflexão sobre a transformação do indivíduo em sujeito, que se daria somente a partir do outro (o interlocutor), Benveniste, com essa reflexão, elabora também uma sofisticada descrição do sistema da língua.

Para ele, há, no sistema, uma região a que chama *aparelho formal da enunciação*, responsável pelas formas que permitem a colocação de todo o sistema em funcionamento (CORRÊA, 2009, p.32).

O autor elabora uma descrição do sistema da língua. Parte dele é o *aparelho formal da enunciação*. Esta região faz com que se assimilem, internamente, possibilidades de língua de que o locutor vai se apropriar para produzir a enunciação. Fazem parte deste aparelho os pronomes da pessoa (1ª e 2ª) e os pronomes da não pessoa (3ª). Os pronomes da pessoa são os que se apropriam da língua e a põem em uso, produzem a enunciação. Já os pronomes da não-pessoa são os referentes, o assunto, a que se refere a enunciação, conforme foi mencionado anteriormente.

A partir do momento em que é feita a apropriação das possibilidades de língua e que é proferida a enunciação, se começa a pensar na transformação do indivíduo em sujeito do seu enunciado.

Esta transformação do indivíduo em sujeito é o que Benveniste chama de subjetividade da linguagem. Para que o indivíduo se transforme em sujeito ele se apropria da língua e a põe em uso, produzindo a enunciação:

A “subjetividade” de que tratamos aqui é a capacidade do locutor para se propor como sujeito. Define-se não pelo sentimento que cada um experimenta de ser ele mesmo (esse sentimento, na medida em que podemos considerá-lo, não é mais que um reflexo), mas como a unidade psíquica que transcende a totalidade das experiências vividas que reúne, e que assegura a permanência da consciência (BENVENISTE, 2005, p.286).

A subjetividade tem uma estrita relação com o sujeito. Sendo assim, de acordo com Fontana, Schroeder e Lesiko (2008, p. 303): “O sujeito de Benveniste é, em resumo, ‘um eu que se caracteriza pela sua homogeneidade e unicidade e se constitui na medida em que interage com um tu – alocutário – opondo-se ambos à não-pessoa, ele (eu – tu x ele)”.

Para que todo o processo da enunciação esteja completo, todos estes fatores são necessários: dois indivíduos que se apropriem das possibilidades de língua, pondo em ação o aparelho formal da enunciação; a interação entre esses indivíduos, que no momento em que proferirem o enunciado estarão se transformando em sujeitos, não só pelo simples fato de se apropriarem e proferirem a língua, mas ao colocarem a sua unicidade junto ao seu enunciado.

A última concepção de Benveniste que Corrêa (2009) ressalta é a negação do caráter instrumental para o sistema linguístico. Segundo Benveniste (2005, p. 285): "De fato, é na linguagem que devemos procurar a condição dessa aptidão [comunicação]. Ela reside, parece-nos, numa propriedade da linguagem, pouco visível sob a evidência que a dissimula." E ainda: "É na língua enquanto assumida pelo homem que fala, e sob a condição de intersubjetividade, a única que torna possível a comunicação linguística." Benveniste (2005, p. 285) ainda diz que: "Falar de instrumento, é pôr em oposição o homem e a natureza".

Para Benveniste (2006, p.90), "cada enunciação é um ato que serve o propósito direto de unir o ouvinte ao locutor por algum laço de sentimento social ou de outro tipo. Uma vez mais, a linguagem, nesta função, manifesta-se-nos, não como um instrumento de reflexão, mas como um modo de ação."

Benveniste (2006) trata aqui de um conceito de linguagem como algo que não pode ser separado do homem, ou seja, ele considera em sua concepção a interação entre os falantes e o contexto de comunicação.

Veremos a seguir a relação da visão dialógica da enunciação com a prática jornalística, a partir do que compreendi da prática proposta por Corrêa (2009).

Como na anterior, essa prática é proposta para alunos de graduação do curso de Comunicação Social. O objetivo desta atividade é fazer com que o aluno perceba que é possível juntar dois personagens de épocas diferentes em um mesmo texto, ou seja, fazer uma reflexão sobre o papel da enunciação na construção do tempo e do espaço:

A relação proposta entre dois personagens históricos de épocas diferentes impõe uma quebra do *tempo crônico*² em favor de uma construção ficcional no *tempo linguístico*³. Desse modo, as marcas espaciotemporais da história no Texto 1, tais como "ali" e "então", passarão de seu papel de construir um fato histórico datado para o de construir um fato ficcional, com a injunção da presença de uma personagem histórica contemporânea (CORRÊA, 2009, p. 39).

O autor ainda diz que construir uma narrativa com essas características que quebram os tempos permite que o jornalista exercite o trabalho com o tempo no texto narrativo ao construir um fato. E, ainda, o jornalista deverá colocar sua concepção sobre determinados assuntos, quando um tema lhe exigir isto.

2.3 Visão Dialógica do Enunciado

No decorrer deste capítulo, Corrêa apresenta concepções importantes do pensamento de Bakhtin, entre elas a concepção de sujeito, língua, enunciado, o princípio dialógico da linguagem, a polifonia e os gêneros do discurso. A noção de sujeito que o autor defende é a seguinte:

[...]o sujeito concebido por Bakhtin não é autônomo nem criador de sua própria linguagem; ao contrário, ele se constitui na relação com outros indivíduos, que é atravessada por diferentes usos da linguagem, de acordo com a esfera social no qual o sujeito se inscreve (SEVERO, 2008, p.58).

Parte das ideias de Bakhtin tem semelhança com a Enunciação. O que pode ser retomado desta teoria é a questão do sujeito com atitude responsiva, já que para Bakhtin (2010a, p. 93) a língua não é imutável: “De um ponto de vista realmente objetivo, percebendo a língua de um modo completamente diferente daquele como ela apareceria para um certo indivíduo, num dado momento do tempo, a língua apresenta-se como uma corrente evolutiva ininterrupta.”

² Tempo crônico:[...] “é o tempo dos acontecimentos, que engloba também nossa própria vida enquanto sequência de acontecimentos. Em nossa visão do mundo, assim como em nossa existência pessoal, não há senão um tempo, que é este.” (CORRÊA, 2009, p.39)

³ Tempo linguístico: [...] “se manifesta cada vez que um locutor emprega a forma gramatical do “presente” (ou uma forma equivalente), ele situa o acontecimento como contemporâneo da instância do discurso que o menciona.” (CORRÊA, 2009, p.39)

Esse conceito é visto fora do uso da língua, apenas como um conceito geral. Já para abranger o uso da língua pelos falantes é necessário citar outra questão:

A língua, como sistema de formas que remetem a uma norma, não passa de uma abstração, que só pode ser demonstrada no plano teórico e prático do ponto de vista do deciframento de uma língua morta e do seu ensino. Esse sistema não pode servir de base para a compreensão e explicação dos fatos linguísticos enquanto fatos vivos e em evolução. Ao contrário, ele nos distancia da realidade evolutiva e viva da língua e de suas funções sociais, embora os adeptos do objetivismo abstrato⁴ tenham pretensões quanto à significação sociológica de seus pontos de vista (BAKHTIN, 2010a, p. 112).

Bakhtin tenta tomar como objeto de estudo a linguagem. Porém, esta é muito ampla para ser definida totalmente, então em seus estudos ele seguiu por um viés que lhe permitiu definir algumas questões importantes.

Para ele o enunciado é a unidade básica da linguagem. O autor discorre sobre o enunciado da seguinte forma: “Toda a compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso); toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante.” (BAKHTIN, 2010b, p. 271). A seguir, Bakhtin (2010b, p. 272) continua: “Cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados.” E ainda: “O enunciado não é uma unidade convencional, mas uma unidade real, precisamente delimitada da alternância dos sujeitos do discurso[...].” (BAKHTIN, 2010b, p. 275).

O autor vê o enunciado como um acontecimento, em que são necessários dois sujeitos, um falante e um ouvinte, que poderão alternar de lugar no decorrer do diálogo. Ao produzir um enunciado, este deve ser responsivo, ou seja, passível de resposta. Ambos os sujeitos devem produzir enunciados que façam sentido (devem ter acabamento). Um novo enunciado sempre está relacionado a outro já existente, então não é possível que um sujeito crie um novo enunciado independente de outros que já existem.

Para definir melhor o que é o acabamento do enunciado de acordo com Bakhtin, cito:

⁴ “O objetivismo abstrato, que se norteia por meio das dicotomias saussurianas, entende a língua como algo social e a aborda como um sistema psíquico e arbitrário. Com base nesse ponto de vista, o indivíduo receberia passivamente, da sua comunidade, um sistema linguístico pronto, no qual ele não pode interferir conscientemente” (SILVA e LEITE, 2013, p. 39-40).

Bakhtin afirma que o acabamento é determinado por três fatores: a) o tratamento exaustivo do tema; b) o intuito discursivo do locutor e c) as formas composicionais relativamente estáveis do todo. Todos esses três fatores serão definidos em função do gênero e da esfera da comunicação em que circulam (CONCEIÇÃO, 2008, p.4).

A linguagem e o enunciado têm uma relação de semelhança já que o enunciado é sua unidade básica. O autor considera a linguagem um fenômeno sócio-histórico. A historicidade está presente através dos enunciados já existentes anteriormente que se fazem presentes a todo o momento em uma nova situação e o social está na relação de dois sujeitos que se põem em determinados lugares sociais para produzir enunciados e se comunicarem, de acordo com Ribeiro (2006).

A teoria de Bakhtin diz que para cada situação, a cada esfera de atividade humana na qual nos inserimos, usamos um determinado gênero em que devemos nos apropriar e adequar o discurso de acordo com as características necessárias para esse gênero.

Segundo Bakhtin, o gênero do discurso é formado por um ou mais enunciados e é de grande relevância falar sobre os elementos citados a seguir (conteúdo temático, estilo e construção composicional), pois eles compõem o gênero discursivo:

Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissolavelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso* (BAKHTIN, 2010b, p. 261-262).

Para o autor, sejam quais forem os modos de utilização da língua, sempre a utilizamos por meio de enunciados (orais e escritos), que se compõem de três elementos: o estilo, o conteúdo temático e a construção composicional.

De acordo com Sobral:

o estilo é o aspecto do gênero mais ligado à sua mutabilidade: é ao mesmo tempo expressão da relação discursiva típica do gênero e expressão pessoal, mas não totalmente subjetiva, do autor no âmbito do gênero. [...] *tema* é o tópico do discurso como um todo, aquilo que ele diz para além das palavras [...] A forma de composição, vinculada com a forma arquitetônica, que é determinada pelo projeto enunciativo do locutor, não se confunde com um artefato, ou forma rígida, porque pode se alterar de acordo com as

alterações dos projetos enunciativos; trata-se da maneira como o gênero mobiliza um texto, a estrutura textual do gênero (SOBRAL, 2010, p.2).

Relacionando vários conceitos de Bakhtin estudados até agora, pode-se chegar à teoria do dialogismo. Este não deve ser confundido com polifonia.

De acordo com Rehdan (2003, p.2), Bakhtin vê o dialogismo como: “Constitutivo da linguagem, pois mesmo entre produções monológicas observamos sempre uma relação dialógica; portanto, todo gênero é dialógico.”

O dialogismo engloba várias questões já citadas anteriormente e, para compreender melhor este conceito, é necessário fazer uma relação destas questões. Para que haja dialogismo é necessário em primeiro lugar um falante e um ouvinte que se colocam em um lugar social e enunciam deste lugar. Este enunciado deve poder ser respondido e compreendido pelo ouvinte. Essa interação entre dois sujeitos gera enunciados que estão ligados a outros já existentes e podem, inclusive, fazer menção a outros enunciados já existentes. Essa interação, junto com essa retomada sócio-histórica, constitui o dialogismo.

A polifonia é caracterizada pelas diversas vozes presentes em um texto, podendo haver uma dominante sobre as outras ou todas em uma instância de equilíbrio.

Na obra *Problemas da Poética de Dostoiévski*, Bakhtin fala sobre o gênero romance polifônico criado por Dostoiévski:

Não é a multiplicidade de caracteres e destinos que, em um mundo objetivo uno, à luz da consciência una do autor, se desenvolve nos seus romances; é precisamente a *multiplicidade de consciências equipolentes e seus mundos* que aqui se combinam numa unidade de acontecimento, mantendo sua imiscibilidade (BAKHTIN, 2010c, p. 4-5).

No romance polifônico de Dostoiévski, a voz do autor não se sobrepõe às demais vozes. O herói de seus romances não é subordinado a pensar da mesma forma ou ter a mesma consciência do autor. Há nas personagens autonomia e poder em suas falas, que são colocadas em um mesmo nível de importância.

A atividade relacionada à teoria de Bakhtin no livro de Corrêa apresenta um texto onde há polifonia das vozes de personagens. Além disso, há uma inadequação do texto em que é necessário que se altere o seu gênero de notícia para o gênero depoimento policial escrito. Para que isso seja feito, deve haver a compreensão das diferenças entre os gêneros e as características específicas de cada gênero.

2.4 Visão Pragmática

Com base nas concepções apresentadas no capítulo sobre a Visão Pragmática, de Corrêa (2009), selecionei as questões relevantes para este trabalho, sendo estas: concepção de linguagem, língua, sujeito, enunciado, performatividade da linguagem e a Teoria dos Atos de Fala (ato locucionário, ilocucionário e perlocucionário).

Para começar a falar da visão Pragmática, é importante regressar ao seu surgimento. De acordo com Costa (1980, p.264): “A Pragmática surge da necessidade de superação de uma linguística frasal, incapaz de dar conta dos estudos da linguagem na sua relação com o usuário.” Ou seja, a pragmática prevê a necessária relação entre falante e contexto.

Um dos principais teóricos da Pragmática, que surge para inovar a linguística frasal, chama-se John Langshaw Austin. Os estudos de Austin compõem apenas parte da Pragmática, pois é uma corrente teórica desta área. A Pragmática se divide em três correntes diferentes: pragmatismo americano, que pode ser representado pelo americano William James; os estudos dos Atos de Fala, encabeçados por J. L. Austin; e ainda os estudos da comunicação, que é o grupo híbrido dos dois anteriores de que autores como Jacob L. Mey e Grice fazem parte (OTTONI, 2002).

Corrêa (2009) cita apenas uma das correntes da Pragmática, que é a dos estudos da Teoria dos Atos de Fala, portanto é esta que será tratada neste trabalho tendo em vista o critério que adotamos para delimitar as correntes teóricas com as quais trabalharíamos.

Começando a conceituar as questões importantes deste trabalho, Corrêa (2009, p. 44) traz: “Linguagem concebida como ação, língua concebida como fonte de recursos fônicos e sintático-semânticos e ato de fala entendido como interface verbal de um ritual não apenas linguístico”.

Para a Pragmática o sujeito/locutor tem um papel importante na produção do enunciado, pois, segundo Corrêa (2009, p. 44), o sujeito na figura de um locutor constrói o enunciado organizando o seu dizer em função de um alocutário, sendo o alocutário responsável por tirar conclusão do enunciado proferido pelo locutor. Isto só se realiza pelo fato de que a argumentação entre locutor e alocutário existe e provém de possibilidades oferecidas pela língua.

É pensando neste peso que tem o locutor sobre o enunciado que podemos então partir para a reflexão do que é produzir um enunciado para Austin:

[...] além do sentido de partida do enunciado, que prevê um arranjo sintático básico, há a aposição de uma força ilocucionária, isto é, a força que um ato de fala ganha no momento em que é produzido. Para chegar a essa conclusão, o filósofo da linguagem J. L. Austin parte da seguinte questão: o que é produzir um enunciado? Para ele, é produzir três atos, simultaneamente (CORRÊA, 2009, p. 42).

Austin em seus estudos busca distinguir um *enunciado performativo* de um *enunciado constativo*. De acordo com Pinto (2003, p. 58), os enunciados performativos são aqueles que realizam ações quando são ditos e os enunciados constativos realizam uma afirmação, falam de algo. Por exemplo, “Minha calça é azul” é um enunciado constativo; estou constatando a cor da minha calça e é possível ver se o que digo é verdadeiro ou não. Agora, no enunciado “Você pode me alcançar aquela caneta?”, o que predomina na reflexão sobre o sentido do enunciado é a intenção de quem o proferiu. Sua intenção era fazer um pedido e não saber sobre a capacidade ou disponibilidade do outro para realizar aquela ação.

Para compreender melhor o que é o enunciado performativo, observemos o conceito de performatividade de acordo com Costa:

Trata-se de um enunciado performativo por realizar uma ação no momento em que é enunciado. Ao enunciar tal dizer o padre ou juiz pode tornar casados aqueles que ali estão com esse propósito, configurando-se assim a performatividade, pois uma ação foi praticada por meio de um enunciado proferido num determinado contexto (COSTA, 2010, p. 266).

Pinto (2003) prossegue a discussão sobre enunciado performativo e constativo com o avanço do pensamento de Austin sobre o ato locucionário, ato ilocucionário e ato perlocucionário:

A análise do contraste entre esses tipos de enunciados, o performativo e o constativo, levou Austin a prosseguir no raciocínio e aventar a separação de níveis de ação linguística através de enunciados. Ele propôs chamar *atos locucionários* aqueles que dizem alguma coisa; *atos ilocucionários*, aqueles que refletem a posição do/a locutor/a em relação ao que ele/a diz; e *atos perlocucionários*, aqueles que produzem certos efeitos e consequências sobre os/as alocutários/as, sobre o/a próprio/a locutor/a ou sobre outras pessoas. Esses três níveis atuam simultaneamente no enunciado (PINTO, 2003, p. 58).

Austin explica o ato ilocucionário e, em seguida, o diferencia dos demais atos: “Expliquei a realização de um ato nesse novo sentido como sendo a realização de um ato ‘ilocucionário’ isto é, a realização de um ato ao dizer algo, em oposição à realização de um ato *de* dizer algo.” (Austin, 1990, p. 89)

Ao apresentar os demais atos, Austin afirma:

Dizer algo frequentemente, ou até normalmente, produzirá certos efeitos ou consequências sobre os sentimentos, pensamentos ou ações dos ouvintes, ou de quem está falando, ou de outras pessoas. E isso pode ser feito com o propósito, intenção ou objetivo de produzir tais efeitos. Em tal caso podemos dizer, então, pensando nisso, que o falante realizou um ato que pode ser descrito fazendo-se referência somente oblíqua (C.a), ou mesmo sem fazer referência alguma (C.b) à realização do ato locucionário ou ilocucionário. Chamaremos a realização de um ato deste tipo de realização de um ato *perlocucionário* ou *perlocução* (AUSTIN, 1990, p. 89-90).

Simplificando, o ato locucionário corresponde a pronunciar um enunciado. O ato ilocucionário corresponde a pronunciar um enunciado e por trás dele haver uma intenção como a de avisar, perguntar, ordenar, convidar, prometer, etc. O ato perlocucionário corresponde aos efeitos que um enunciado produz em quem o profere ou em quem o ouve.

Corrêa afirma perceber na teoria dos atos de fala de Austin pelo menos três grandes áreas de estudos da linguagem: lógica, pragmática e retórica. O autor relaciona a lógica ao ato locucionário, a pragmática ao ato ilocucionário e a retórica ao ato perlocucionário.

Na perspectiva de Corrêa (2009, p.43), a relação do ato locucionário e da lógica se dá pelo fato de que para descrever o ato locucionário bastaria que se determinassem elementos como: um tempo, um espaço e um nome de uma pessoa explicitamente. Após ter preenchido estes requisitos, poderia então se tomar o enunciado como uma descrição de estados de coisas do mundo e levá-lo a julgamento para verificar sua veracidade.

Referindo-se ao ato ilocucionário como relacionado à Pragmática, Corrêa (2009, p. 43) afirma que Austin contempla pela noção de ato ilocucionário várias perspectivas linguísticas que consideram a presença do sujeito como fundamental na produção do enunciado. Tais perspectivas como a teoria da enunciação, a análise da conversação e a análise do discurso. Essas perspectivas se relacionam com a Pragmática por considerarem a presença do(s) sujeito(s) um fator importante na produção do sentido.

Ainda de acordo com Corrêa (2009, p.43-44), o ato perlocucionário representa a ação que se produz no outro como consequência do ato de dizer. Fixar-se no estudo do ato perlocucionário significa manter-se, portanto, numa perspectiva que considera o problema da argumentação, já tratado pela retórica e também por disciplinas linguísticas como a semântica argumentativa. Dessa forma, tem relação com a retórica quando retoma uma questão já tratada por esta área.

Focado na Teoria dos Atos de Fala, Corrêa (2009) propõe na atividade uma reflexão sobre o caráter performativo da linguagem e veículos de informação que buscam controlar o seu efeito. Corrêa (2009, p. 53) afirma que: “É necessário reconhecer a performatividade generalizada da linguagem e o escopo de sua atuação (não apenas no verbo ou no enunciado que o contém, mas também na sequência do texto).”

De acordo com os manuais de redação, é preciso ser imparcial e objetivo; usar verbos que tenham uma força ilocucionária não é o recomendado. Portanto, o que o autor ressalva, a meu ver, é que se preste atenção na intenção que existe por trás de algumas palavras. O jornalista deve ser “imparcial”, “claro” e “objetivo”, porém até mesmo na sua escolha de palavras ele já está deixando de ser imparcial.

A visão do autor (Corrêa, 2009) revela que os alunos de Jornalismo devem ter uma visão crítica quanto aos manuais de redação, já que por trás de cada um destes há um conceito de linguagem diferente, conhecendo neste caso o conceito de linguagem da pragmática que considera importante a presença do sujeito e as condições da situação de uso do enunciado.

2.5 Visão Discursiva

Este capítulo de Corrêa (2009) começa com alguns temas abordados no texto *Análise Automática do Discurso* de Michel Pechêux a serem discutidos para que o sentido de discurso abordado neste texto não se confunda com os demais sentidos atribuídos à palavra “discurso”. Para chegar a essa definição, Corrêa faz um percurso no texto de Pechêux selecionando temas importantes a serem tratados, que são: a diferença entre função e funcionamento; os métodos de análise do texto; a oposição Saussureana entre língua e fala; e, finalmente, as bases teóricas para a constituição de uma teoria do discurso.

Dentre estes temas, selecionei dois que são fundamentalmente importantes para este trabalho, sendo estes: os métodos de análise do texto e as bases teóricas para a constituição de uma teoria do discurso.

Antes de prosseguir com os temas relevantes para este trabalho presentes na obra de Pechêux, quero ressaltar passagens de Moraes (2004; 2011) que contribuem com a questão da relação entre a prática jornalística e a teoria linguística. De acordo com Moraes (2004, p.2), os manuais de redação dos jornalistas tratam a linguagem como instrumento de trabalho, quando, na verdade, deveriam ter uma visão mais crítica sobre esta e, assim, melhorar em sua prática. A autora vai além de argumentar sobre a visão crítica que o jornalista deve ter sobre a linguagem. Em Moraes (2004, p.3) ela ainda sugere que, não podendo ser totalmente objetivo, o jornalista poderia assumir que está lidando com algo não transparente, que no caso é a linguagem.

Essa linguagem não transparente e pouco palpável, como propõe a autora, é a linguagem considerada pela Análise do Discurso (AD):

Ação transformadora, trabalho (ainda que simbólico), produção social, interação, na medida em que se define na relação necessária entre o indivíduo e a exterioridade. A linguagem é um dos elementos constitutivos do processo discursivo o qual se dá sob determinadas condições histórico-sociais e ideológicas (FERREIRA, 2001, p.20).

Relacionado ao conceito de linguagem, aparece também o conceito de língua segundo a AD:

Condição de possibilidade de um discurso, materialidade ao mesmo tempo linguística e histórica, produto social que resulta de um trabalho com a **linguagem** no qual coincidem o histórico e o social. No âmbito discursivo, a língua é reconhecida por sua opacidade e pela forma como nela intervém a sistematicidade e o imaginário, aparecendo o **equivoco** como elemento constitutivo da mesma (FERREIRA, 2001, p.20, grifos do autor).

O trabalho de Moraes (2011, p. 1318) faz com que o jornalista busque ampliar o seu conhecimento sobre a linguagem e não permaneça apenas dominando as regras gramaticais e mantendo uma visão tradicional jornalística. O trabalho da autora incentiva a ir atrás de novos conhecimentos e apresenta a teoria da Análise do Discurso, já que é uma teoria que permite que o jornalista seja bastante crítico com a linguagem e com a análise de textos.

A partir do momento em que o jornalista tomar conhecimento da teoria vai perceber que o objeto de análise de Pechêux é o discurso. Sendo assim, vejamos o conceito de discurso de acordo com a Análise do Discurso:

Objeto teórico da AD (objeto histórico-ideológico), que se produz socialmente através de sua materialidade específica (a língua); prática social cuja regularidade só pode ser apreendida a partir da análise dos processos de sua produção, não dos seus produtos. O discurso é dispersão de textos e a possibilidade de entender o discurso como prática deriva da própria concepção de linguagem marcada pelo conceito de social e histórico com a qual a AD trabalha. É importante ressaltar que essa noção de discurso nada tem a ver com a noção de parole/fala referida por Saussure (FERREIRA, 2001, p. 14).

A noção de discurso dada por Pechêux difere de todas as outras noções existentes, pois este considera as condições de produção do texto/discurso, ou seja, a exterioridade envolta do sujeito, a historicidade, entre outros fatores importantes.

Definido este objeto, o autor buscava responder a seguinte pergunta: o que quer dizer este texto? A partir desta pergunta fica claro que o autor se preocupa em definir, em buscar o sentido do texto. A análise do discurso vai além de responder a esta pergunta, a análise do discurso se preocupa também com como o texto significa (GRANTHAM, 1975, p. 1,2).

Para responder esta pergunta, o autor categorizou métodos de análise do texto. Dividiu-os em: métodos não-linguísticos e métodos paralinguísticos.

Começando pelos métodos não-linguísticos, estes podem estar em um nível infralinguístico ou em um nível supralinguístico.

Sobre o nível infralinguístico, Pechêux (1997) diz:

Designamos assim o processo que consiste em recensear o número de ocorrências de um mesmo signo linguístico (palavra ou lexia, mais frequentemente) no interior de uma sequência de dimensão fixada, e em definir uma frequência que pode ser comparada com outras, o que fornece um teste de comparabilidade entre vários itens da mesma sequência, ou entre várias sequências paralelas para o mesmo item (PECHÊUX, 1997, p. 63-64).

Esse nível consiste em contar as ocorrências de um mesmo signo durante uma fala, uma frase ou um texto. Ao definir uma frequência da aparição de um mesmo signo, o método permite que se estabeleça um padrão ou uma possível linearidade de aparição desse determinado signo.

Para esclarecer melhor este conceito, trago a contribuição de Mussalim e Mendonça (2008):

O autor classifica como métodos não linguísticos aqueles que buscam responder à questão da compreensão textual sob uma forma pré-saussureana. São métodos que, mesmo baseando-se em conceitos de origem linguística, mobilizam conceitos defasados em relação à chamada linguística moderna (MUSSALIM e MENDONÇA, 2008, p. 136).

Em seguida Pechêux (1969) fala sobre o nível supralinguístico:

(Uma análise no nível supralinguístico) tenta, ao contrário, trazer uma resposta a essa questão: o que é visada no texto é justamente uma série de significações que o codificador detecta por meio dos indicadores que lhes estão ligados; em outros termos, a relação funcional expressão da significação/meios desta expressão retoma aqui toda sua importância (PECHÊUX, 1969, p.65).

O nível supralinguístico identifica marcas de sentidos através de indicadores presentes no texto. O principal a ser verificado nesse nível é o sentido do texto. Para que esse sentido seja compreendido por completo é necessário que o leitor tenha o conhecimento necessário para fazer as relações de sentidos presentes.

Ao falar sobre os métodos paralinguístico, Michel Pechêux é influenciado por ideias estruturalistas pós-saussureanas: “[...]existem outros (métodos de análise), de aparição mais recente, que, ao contrário, se referem abertamente à linguística moderna e dão outra resposta à questão do sentido contido num texto” (Pechêux, 1997, p.66).

No início da aparição da Linguística Moderna, os estudiosos decidiram modificar a metodologia utilizada nos estudos da língua em relação aos estudos existentes anteriormente. A partir da Linguística Moderna passaram a estudar o funcionamento da língua.

Ainda sobre o método paralinguístico, cito Mussalim e Mendonça (2008):

Os métodos paralingüísticos, por sua vez, referem-se abertamente à lingüística moderna para, paradoxalmente, responder à questão (sobre o sentido contido num texto) que essa mesma lingüística teve que colocar de lado para se constituir enquanto ciência. As disciplinas que se valeram dos métodos paralingüísticos, como a crítica literária, por exemplo, reconheceram o fato teórico fundamental que marcou o nascimento da ciência da lingüística – a passagem da função ao funcionamento – e decifraram esse fato como uma abertura, uma possibilidade de efetuar uma segunda vez esse mesmo deslocamento, mas desta vez no nível do texto: uma vez que existem sistemas sintáticos, faz-se a hipótese de que existem,

por exemplo, sistemas literários (MUSSALIM E MENDONÇA, 2008, p. 136-137).

As categorias de análise de Pechêux são pensadas para que o sentido do texto possa ser obtido não só através da estrutura interna, parte material linguística, já que todo texto tem sistemas sintáticos e sistemas literários, mas também considerando elementos que estão fora do texto e que contribuem para a formação do sentido. A partir desta mudança de visão, de análise da função para funcionamento, pode-se estudar o funcionamento de um texto e estudar o sentido do texto.

Ainda sobre o sentido do texto, Corrêa aponta:

Para dar conta dessas regularidades e para responder à questão sobre o sentido do texto, Pechêux propõe a noção de processo discursivo. Não se fala mais, portanto, propriamente em “uso” da língua, o que lhe devolveria um caráter instrumental, mas de processo discursivo, modo pelo qual a língua se impregna de história, retomando o processo histórico de sua própria constituição (CORRÊA, 2009, p.60).

A noção de processo discursivo compõe a Análise do Discurso, colaborando para o estudo da língua numa perspectiva mais ampla do que considerar a língua um simples instrumento de comunicação. O processo discursivo acrescenta a historicidade à língua.

Na teoria da Análise do Discurso, processo discursivo é visto como:

Nesta medida, e na condição de entender por processo discursivo as relações de paráfrase interiores ao que chamamos a matriz do sentido inerente a formação discursiva, diremos que o procedimento AAD constitui o esboço de uma análise não-subjetiva dos efeitos de sentido que atravessa a ilusão do efeito-sujeito (produção/leitura) e que retorna ao processo discursivo por uma espécie de arqueologia regular (PECHÊUX & FUCHS, 1975, p. 170).

Este conceito de processo discursivo se relaciona com paráfrases, apesar de não ter sua origem no sujeito e sim em discursos anteriores já ditos que se modificam, mas não perdem sua influência.

Ao final do capítulo, Corrêa (2009) expõe considerações importantes a serem colocadas sobre a Análise do Discurso:

Gostaria de destacar que, no campo da linguística da enunciação – na qual incluo a pragmática, a semântica argumentativa e a análise do discurso -, impõe-se, para o analista, a consideração da exterioridade da língua,

exterioridade que se faz sempre presente no discurso. Na análise do discurso, por exemplo, estando cada discurso colocado num determinado ponto do *processo discursivo*, é preciso sempre determinar as suas *condições de produção*, descritas a partir das *relações de sentido* e das *relações de força* que, então, se apresentam. Passa-se do funcionamento da língua para o funcionamento do discurso; do domínio da generalidade da língua (o universalmente válido para uma sociedade abstratamente concebida) para o domínio da particularidade do discurso (o especificamente determinado, ao mesmo tempo, particular e geral, pois atinge um sujeito – em particular – e toda uma série de sujeitos – num plano mais geral – que são suscetíveis ao efeito de uma dada temporalidade discursiva que lhes faz sentido) (CORRÊA, 2009, p. 61-62).

O conceito de formação discursiva provém de Foucault, porém ele é adaptado por Pechêux para a Análise do Discurso: “[...]quando Pechêux traz para a AD a noção de formação discursiva, ele faz as readaptações relacionando tal conceito à questão da ideologia e da luta de classes.” (GRANGEIRO, 2005, p. 4)

De acordo com Pechêux (1995, p.160, apud GRANGEIRO, 2005, p. 5) formação discursiva é: “Aquilo que, numa conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.)”

Ao analisar concepções relevantes da Análise do Discurso e perceber que ao estudar o discurso é necessário considerar várias condições exteriores ao texto, vale destacar o conceito de sujeito de acordo com a AD:

Resultado da relação com a **linguagem** e a **história**, o sujeito do discurso não é totalmente livre, nem totalmente determinado por mecanismos exteriores. O sujeito é constituído a partir da relação com o outro, nunca sendo fonte única do sentido, tampouco elemento onde se origina o discurso (FERREIRA, 2001 p. 23).

Depois de ver todos os conceitos importantes para refletir sobre a teoria, agora olhemos para a prática proposta por Corrêa.

Na atividade, o autor propõe que o aluno explore sua capacidade de leitura crítica através da construção de um personagem, a partir de fragmentos discursivos apresentados nos textos-base da atividade. Para realizar tal tarefa, o aluno deve trazer suas concepções e se tornar um narrador protagonista na história. A expectativa é que o aluno se coloque no texto como narrador protagonista e assim possa atrelar ao texto suas próprias filiações discursivas sobre o tema. Desse modo,

o aluno vai poder desconstruir um pouco dessa imagem de objetividade e clareza que é exigida do jornalista por alguns Manuais de Redação.

3 METODOLOGIA

Para a realização deste trabalho, foi feita uma pesquisa através de análise de Projetos Pedagógicos de Curso (PPC's) dos cursos de jornalismo de duas instituições públicas e uma instituição privada, localizadas no interior do Rio Grande do Sul⁵.

Além disso, foi realizado um questionário a ser respondido por um aluno ingressante e um formando ou egresso das instituições analisadas anteriormente, resultando no total de cinco alunos, sendo quatro estudantes de instituições públicas e um de instituição privada. Havia sido previstos números iguais de alunos por instituição, porém nenhum ingressante da instituição privada se disponibilizou a responder ao questionário.

3.1 Método de análise dos Projetos Pedagógicos de Curso

Inicialmente, foi feita uma busca nos sites das universidades em busca dos PPC's dos cursos de jornalismo.

A seguir, foram analisados os PPC's de maneira a encontrar algum componente curricular que contemplasse conceitos linguísticos que viriam a servir para a prática jornalística. A análise foi feita por meio da leitura do ementário dos PPC's, das competências e dos objetivos. No ementário foram analisadas as ementas e referências bibliográficas dos PPC's, identificando autores conhecidos da Linguística. Foi feita, ainda, uma pesquisa dos nomes de autores citados em algumas respostas dos questionários referentes à produção textual. Através destes nomes foram pesquisadas obras destes autores para que se averiguasse a sua relação com a Linguística. As informações coletadas foram utilizadas para serem comparadas às respostas dos alunos, dos cursos de Jornalismo, para verificar se há coerência entre os princípios apreendidos pelos alunos no curso e os princípios apresentados nos PPC's.

3.2 Método de análise dos questionários

Para coletar respostas dos alunos de graduação do curso de jornalismo foi elaborado um questionário (Apêndice 1) que contém 10 questões sobre a

⁵ A ideia inicial era analisar os PPC's de quatro instituições (duas públicas e duas privadas), porém o PPC de uma das instituições privadas que fariam parte da pesquisa não foi disponibilizado, apesar de ter sido solicitado para a coordenação do curso várias vezes.

experiência dos alunos em seus cursos com relação a conceitos de língua e conhecimento da Linguística, com o intuito de avaliar o real conhecimento destes alunos sobre a área.

Logo em seguida, foi estabelecido o contato com os alunos de duas instituições públicas e de uma privada por meio de uma rede social e, em seguida, foi enviado a cada participante o questionário, que os alunos responderam por escrito e enviaram suas respostas através da rede social. Para que os participantes da pesquisa ficassem cientes da utilização de suas respostas e terem a garantia de que suas identidades não seriam reveladas, foi assinado um termo de consentimento cujo modelo está disponível no Apêndice (Apêndice 2).

As respostas obtidas também foram analisadas para procurar conceitos linguísticos que pudessem fazer parte da trajetória acadêmica dos alunos.

4 APRESENTAÇÃO DA PESQUISA E ANÁLISE DOS RESULTADOS

A pesquisa foi realizada com o objetivo de coletar informações dos cursos de jornalismo, através de seus PPC's e respostas de alunos, sobre quais conceitos estes alunos têm de língua e linguagem. O esperado é que estes alunos tivessem conceitos baseados na linguística, a qual fundamenta solidamente estes conceitos.

Por questões éticas, as instituições que participaram da pesquisa não serão identificadas, assim como os estudantes que se dispuseram a responder o questionário. Para as instituições federais denominarei Universidade Federal A (UFA) e Universidade Federal B (UFB). Os estudantes serão identificados como Ingressante A (IA), Formando A (FA), Ingressante B (IB), Formando B (FB). Assim como as instituições públicas, a particular também não será identificada. Atribuirei o nome de Universidade Particular C (UPC). O aluno será identificado como Formando C (FC)⁶.

Os dados foram analisados de acordo com o referencial teórico apresentado anteriormente. Deste modo, a pesquisa será apresentada a seguir: os dados coletados serão analisados, comparando inicialmente o PPC da instituição com as respostas da mesma instituição. Após fazer esta comparação, será feita a análise das respostas de ingressantes e formandos(as), esperando que tenham ocorrido mudanças na concepção de língua, na ideia sobre o que é um bom texto e de conhecimento básico da teoria linguística.

4.1 PPC's e realidade dos cursos

A UFA apresenta em seu PPC como uma competência a ser atingida pelo aluno jornalista: “produzir enunciados jornalísticos com clareza, rigor e correção.” Através desta competência pode-se perceber que há uma exigência na escrita jornalística. Apesar de o texto jornalístico ter uma “estrutura” a ser seguida, outros fatores devem ser considerados na produção de texto, para que este seja considerado um bom texto, independente de seu gênero.

Além disso, outra competência que aparece é a seguinte: “atentar para os processos que envolvam a recepção de mensagens jornalísticas e o seu impacto sobre os setores da sociedade.” A teoria que trata da recepção de mensagens é a

⁶ Como já mencionado anteriormente, não haverá um ingressante da UPC, pois apesar de serem contatados os alunos não se dispuseram a responder as perguntas.

teoria da comunicação de Roman Jakobson. Esta teoria esquematiza o processo de comunicação:

[...]fatores constitutivos de todo processo linguístico, de todo ato de comunicação verbal, O REMETENTE envia uma MENSAGEM ao DESTINATÁRIO. Para ser eficaz, a mensagem requer um CONTEXTO a que se refere (Ou "referente", em outra nomenclatura algo ambígua), apreensível pelo destinatário, e que seja verbal ou suscetível de verbalização; um CÓDIGO total ou parcialmente comum ao remetente e ao destinatário (ou, em outras palavras, ao codificador e ao decodificador da mensagem); e, finalmente, um CONTACTO, um canal físico e uma conexão psicológica entre o remetente e o destinatário, que os capacite a ambos a entrarem e permanecerem em comunicação (JAKOBSON, 2003, p.82).

Estes termos representam um esquema elaborado por Jakobson para a comunicação, para a recepção da mensagem. Sendo assim, pode-se considerar a língua como o código total ou parcial referido por Jakobson acima. Porém esta definição da língua é vista como limitada no âmbito da Linguística, pois com o avanço dos estudos da área foram levantados fatores que devem ser considerados na concepção de língua que esta concepção não comporta.

Existem outras teorias em que o jornalista pode basear-se que dará muito mais suporte a ele na hora de produzir um texto, ao invés de reduzir a língua à transmissão de uma mensagem.

Ao buscar componentes curriculares obrigatórios que desenvolvessem conceitos linguísticos importantes para o jornalista, foram encontrados dois “Redação Jornalística I” e “Teorias da Comunicação”.

Analisando a ementa do componente “Redação Jornalística I”, foi encontrado o estudo sobre as funções da linguagem. Ainda na ementa, encontra-se o estudo de noções de gramática aplicada ao texto.

Verificando as referências bibliográficas básicas do componente, encontra-se, entre outras, o livro *Linguagem Jornalística* do autor Nilson Lage. No livro o autor menciona a Semiologia e Ferdinand Saussure. No final do livro há uma série de conceitos, entre eles o conceito de língua e o conceito de linguagem:

Língua: instituição social e sistema de valores que se traduz num código diferenciado de comunicação oral, sobre semântica baseada em convenções arbitrárias e sintaxe complexa. Linguagem: sistema de signos capaz de servir à comunicação entre indivíduos. Compreende a fala, a escrita, sons, gestos, imagens, formas, etc. (LAGE, 1987, p.54).

Seus conceitos são semelhantes aos de Saussure.

Em “Teorias da Comunicação”, ao analisar a ementa, encontra-se o estudo de teorias semióticas. A semiótica é o estudo de signos de maneira geral, não só os signos linguísticos.

Como uma das referências bibliográficas básicas do componente, encontra-se o livro *Teorias da Comunicação* do autor Antonio Hohlfeldt. Este dispõe um capítulo chamado “Teorias da Comunicação, Teorias do Discurso: Em Busca do sentido.” Neste capítulo é desenvolvida uma descrição de modelos existentes para a produção de sentido nos estudos comunicacionais. Apesar de falar sobre a análise de discurso, no capítulo não é apresentado nenhum conceito sobre língua ou linguagem que seja característico desta teoria.

Há ainda um componente denominado “Produção de Jornal” que em sua ementa prevê o contato com os Manuais de redação: “Manual de Redação: sua importância dentro da política editorial do jornal.”

Entre os componentes curriculares optativos relevantes a esta pesquisa foram encontrados dois: “Tópicos de Análise do Discurso” e “Nivelamento em Língua Portuguesa”. No primeiro, os alunos certamente encontram noções de discurso, língua, sujeito, entre outros, todos importantes a serem considerados na produção de um texto. Em sua ementa está presente o estudo de: “Introdução à Análise do discurso. As diferentes vertentes, métodos de pesquisa em AD com análise de estudos em Ciências Sociais e nas Ciências Humanas. Novas tendências em Análise do Discurso. Retórica do Discurso.” Em suas referências encontram-se autores como: Eni Orlandi e Michel Pêcheux. No segundo componente, observa-se a importância que o curso de jornalismo dá a questões gramaticais. Sua ementa é composta por: “Análise de problemas comuns no uso inadequado da linguagem escrita em Língua Portuguesa. Organização escrita do pensamento. Ordenação de ideias e argumentos. Elementos de persuasão e retórica do discurso. Questões de linguagem no cotidiano do jornalismo. Revisão das Normas Gramaticais Brasileiras (NGB). A redação em seus aspectos de estrutura, coesão e coerência textuais. Estudo da regência e de flexões verbais.” Tem como uma das referências bibliográficas básicas a *Nova Gramática do Português Contemporâneo* de Celso Cunha.

Para averiguar o que há no PPC e o que de fato ocorre na prática do curso, será feita a comparação entre as respostas dadas pelos alunos desta instituição e os dados presentes no PPC.

Analisando as respostas de IA, quando perguntado qual seu conceito de língua, obteve-se a resposta: *“Um código usado para que as pessoas possam se comunicar”*. Esta concepção vem de Jakobson, conforme citado acima, não diferindo do PPC do curso.

Partindo para outra questão, foi feita a pergunta: “O que é preciso para que um texto seja bem escrito?”. E obteve-se a resposta: *“O texto precisa em primeiro lugar ser entendido pelo leitor.”* Logo, perguntou-se: “Você pensa no seu leitor/ouvinte no momento de produzir algum texto escrito/oral? Justifique sua resposta.” E IA respondeu: *“Sim, não adianta escrever um texto com um vocabulário complexo se o leitor não tem domínio do assunto.”* Analisando as respostas, percebe-se que IA tem a preocupação de adequar o vocabulário para que o leitor compreenda o texto. Associando as respostas, nota-se que IA tem a concepção de que, para que o texto seja bem escrito, basta que este seja compreendido pelo leitor. As respostas condizem com a competência existente no PPC de que o aluno deve escrever com clareza, rigor e correção.

Outra questão que emergiu foi a relação com os Manuais de Redação. Ao responder a pergunta: “Você já teve contato na graduação com Manuais de Redação de jornais? Se sim, qual é a relevância deste material para a sua futura atuação profissional?”, IA revela que usa os Manuais para tirar dúvidas frequentes do português e que o Manual também serve para informar os ideais da empresa em que ele é produzido. Em três componentes obrigatórios foram encontrados Manuais de Redação como referências bibliográficas complementares, talvez por este motivo o material seja fonte de procura dos estudantes de jornalismo.

A seguir foi feita a análise das respostas de FA. Foi questionado: “Você considera que houve uma mudança notável em sua concepção de língua comparando a educação básica e o percurso na graduação?”, a resposta obtida foi: *“Com certeza! Os professores na escola ensinam o teórico e sempre a mesma coisa. Obvio que a escola me deu o alicerce, entretanto, acho que a graduação me proporcionou um aumento no conhecimento do português, principalmente no falar, entretanto, isso se deu pelos livros que li na graduação. Uma busca pessoal. Não se fala muito em gramática no Jornalismo, o que é uma lástima, pois vejo colegas do oitavo semestre*

cometendo erros gravíssimos e trocando o traz pelo trás, por exemplo.” FA relacionou a concepção de língua com o estudo da gramática normativa, defendendo esta e dizendo ser uma lástima não a estudar mais no curso.

Em outra pergunta também é evidente a preocupação com a gramática normativa: *“Um bom jornalista é aquele que passa para a sociedade a verdade sobre determinado assunto, mas no âmbito do português, creio que tem que saber a gramática. Não precisa usar palavras difíceis, claro, mas tem que saber passar ao outro, com clareza, o que quer transmitir.”* Esta resposta corresponde à pergunta de: *“O que é ser um bom jornalista?”*.

Além destas respostas, destaca-se a seguinte questão: *“Para você, o que é falar bem?”*. E a conseguinte resposta: *“Falar bem é falar com clareza, nem muito rápido, porém não tão devagar. Falar de um modo simples, mas objetivo.”* Referindo-se ao jornalista como o “transmissor da verdade”, FA, mesmo respondendo em uma das questões que se preocupa com o leitor, acaba por tratar o leitor como alguém que só quer receber a informação pronta, sem refletir e tirar suas próprias conclusões sobre o assunto. Além disso, nesta resposta fica evidente o quanto o jornalista pensa na objetividade ao escrever. Apesar de a objetividade ser um fator importante na escrita de alguns gêneros jornalísticos, no momento em que o jornalista decide que verbos, frases, assuntos serão usados já há escolhas que devem ser feitas e escolhas variam de acordo com o sujeito.

Baseando-se nas respostas analisadas, é possível notar que durante o curso não foram abordados conceitos de língua e linguagem de forma que pudessem ser apreendidos por FA. O próprio PPC não parece dar conta de conceitos como estes dentro de perspectivas linguísticas.

IA conceitua a língua como código, concepção proveniente da teoria da comunicação e relata que tem contato com Manuais de Redação, faz uso deste material para tirar dúvidas da língua portuguesa, ou seja, usa para aprender a gramática normativa. Ainda, afirma que um texto bem escrito precisa ser entendido pelo leitor. IA revela que pensa no leitor, pois precisa adequar o vocabulário do texto para que todos o compreendam. Ao relacionar as respostas obtidas de IA, é possível perceber que a teoria da comunicação é fortemente presente no curso. Além disso, nota-se que para IA, simplificando o vocabulário do seu texto, ele será compreendido por todos os leitores e, ainda, considera este (texto compreendido por todos) um bom texto. Pode-se chegar à conclusão de que o texto bom para IA é

escrito “corretamente” de acordo com a gramática normativa, é um texto com palavras de compreensão de todos, sendo assim, podemos definir como um texto simples e objetivo.

Para FA não é diferente. O bom jornalista se resume em escrever um texto “compreensível”, “simples” e “objetivo”, e isto basta para que escreva um bom texto.

Pode-se perceber que não são consideradas diferentes interpretações possíveis, apenas é levado em consideração o ser compreendido. A compreensão de um texto para o aluno de jornalismo, de acordo com as respostas obtidas, envolve ter um conhecimento básico geral da língua, porém esse conhecimento básico nunca vai ser o mesmo entre os leitores. Por mais que se simplifique um texto, sempre vai haver um leitor que possui mais ou menos conhecimento da língua, bagagens de leitura e vivências diferentes, resultando em diferentes entendimentos de um mesmo texto.

Passemos, agora, à análise do PPC e dos questionários de alunos da UFB. A UFB apresenta em seu PPC algumas competências que devem ser analisadas como, por exemplo: [o egresso] “deverá ser capaz de aprender a aprender, sabendo pesquisar, selecionar e analisar informações em qualquer campo de conhecimento específico, tendo domínio da expressão oral e da escrita em língua portuguesa.” No PPC ressalta-se que o aluno deve ter o domínio da expressão oral e da escrita, o que o curso deve dar base para que se realize. Esta competência permite que se reflita o que é ter o domínio da expressão oral e da escrita em língua portuguesa. É ter o domínio da gramática ou domínio de conceitos-chave e situações de uso da língua? Ou, ainda, ter o domínio de ambos? É isto que se pretende investigar, através das respostas aos questionários e do que é apresentado no PPC.

Outra competência que aparece é “compreender as especificidades éticas, técnicas e estéticas do jornalismo, em suas complexidades de linguagem e como forma diferenciada de produção e socialização de informação e conhecimento sobre a realidade.” Para que haja a compreensão de complexidades da linguagem, é necessário que sejam abordados durante o curso conceitos de linguagem e língua que são importantes para a prática jornalística.

Passando a analisar, agora, o ementário do PPC, foram encontrados três componentes obrigatórios e um componente optativo relevante para a pesquisa. Começaremos pelo componente obrigatório “Língua Portuguesa para o Jornalismo”. Neste componente encontra-se na ementa o estudo da estrutura da linguagem,

visando a qualidade da linguagem escrita e falada para os profissionais do Jornalismo, passando também por regras básicas para a correção de texto. O componente tem em seu programa o estudo de: “gêneros textuais, emprego de formas verbais, síntese de concordância e regência, coordenação e subordinação no discurso: valores semânticos das conjunções, pontuação e seleção lexical.” Suas referências básicas se resumem em práticas textuais.

Analisando o componente, verifica-se que a língua portuguesa para o jornalista é estudada de uma perspectiva completamente normativa, deixando de lado vários aspectos importantes como o interpretativo, o uso da língua e as variedades existentes na língua.

O próximo componente obrigatório encontrado foi “Redação e Revisão do Texto Acadêmico”. Tem como objetivo geral: “Oportunizar ao aluno situações pedagógicas em que possam desenvolver seu conhecimento, o manuseio e a produção de diferentes textos acadêmicos, levando em conta aspectos estruturais, linguísticos, enunciativos e discursivos”. A ementa do componente revela: “Caracterização e finalidades do texto acadêmico. Produção e revisão de projetos de pesquisa, resumos, resenhas, artigos, ensaios. Revisão de trabalhos monográficos.” Uma das referências básicas deste componente é a *Moderna Gramática Portuguesa* do autor Evanildo Bechara. O componente dá conta de textos acadêmicos, utilizando a gramática normativa como referência básica.

O terceiro componente obrigatório é denominado “Semiótica”. Sua ementa prevê “o estudo e discussão das principais teorias semióticas a partir de seus precursores: Ferdinand de Saussure, Charles Sanders Peirce e Iúri Lotman.” Tem ainda como um dos objetivos específicos: “Conhecer os princípios gerais da semiótica e compreender a sua relação com os campos da Comunicação e do Jornalismo”.

No último componente, “Semiótica”, é citado um autor que trata de conceitos linguísticos que é Ferdinand de Saussure, porém não há indícios de que se trabalhe neste componente conceitos como língua e linguagem, pois o autor não é citado nas referências básicas e nem nas complementares, o que permite supor que a visão do autor sobre a área da Semiótica é estudada por meio do texto de outros autores.

De maneira geral, os componentes obrigatórios não apresentam claramente o estudo de conceitos linguísticos, permanecem apenas em questões gramaticais e específicas da área do jornalismo.

O componente optativo é o de “Análise do Discurso em Textos Jornalísticos”. O componente apresenta em um de seus objetivos específicos a “discussão de noções teóricas que embasam a análise do discurso jornalístico e que revelam as relações entre linguagem, subjetividade e contexto.” Em seu programa é pressuposto o estudo de noções-chave da Análise do discurso, como: sentido, ideologia, historicidade, sujeito, heterogeneidade, condições de produção e formação discursiva, a estrutura linguístico-discursiva do texto jornalístico, o funcionamento discursivo do texto e a polifonia (citação, discurso direto e indireto). São apontadas como referências básicas autores como Orlandi e Pêcheux.

Um panorama geral do PPC permite que se verifique a falta de componentes obrigatórios que abordem conceitos linguísticos. Como em UFA, parece que conceitos claramente baseados em teorias linguísticas ficam restritos a componentes optativos. Isto mostra que os cursos de instituições federais parecem atribuir menos importância a conceitos linguísticos, quando na verdade são muito pertinentes para a prática jornalística, pois auxiliam o jornalista a refletir sobre o uso do seu instrumento de trabalho que é a linguagem.

Analisando as respostas de IB, quando foi perguntado o que é ser um bom jornalista, obteve-se como resposta: *“Um bom jornalista é aquele que consegue pegar a totalidade das informações, filtrar e transferir o essencial para as pessoas. Ele absorve tudo, mas só passa adiante o que é relevante. Um bom jornalista é aquele que consegue exercer seu papel de mediador, levando informação de qualidade ao restante das pessoas.”* A seguir, perguntou-se: “E o que é preciso para que um texto seja bem escrito?” E a resposta foi: *“Um texto bem escrito tem, acima de tudo, clareza na expressão das ideias.”* A próxima pergunta que ressalvo é a seguinte: “Para você, o que é falar bem?” IB respondeu: *“Falar bem é conseguir fazer bom proveito dos recursos orais (como volume, velocidade e tom de voz) para que a ideia que está sendo transmitida chegue com clareza aos ouvintes.”*

A partir das respostas de IB, pode-se notar que o importante para o estudante de jornalismo é a clareza ao transmitir uma ideia, ou seja, questões de sentido são consideradas em um segundo plano quando na verdade devem ser analisadas com atenção. Nota-se que IB considera, no momento da comunicação com o leitor, questões de apresentação: se estão adequados o tom de voz, o volume, a velocidade da fala. Na escrita não é diferente, pois revela que o texto bem escrito tem de ser claro. Estas considerações permitem deduzir que ao produzir textos

(orais e escritos) IB se preocupa em utilizar uma linguagem clara, que permita transferir ao leitor apenas o essencial. Porém, o que deve ser levado em conta também é a questão de que ao selecionar o “essencial” para um texto, o que é essencial para uns não é essencial para outros, ou seja, a informação nunca vai ser completamente clara, objetiva e completa.

A seguir, serão analisadas as respostas de FB. Ao ser questionado(a) sobre o que é preciso para que um texto seja bem escrito, FB respondeu: “*Concordância, respeitando os critérios de noticiabilidade e a construção correta do lead.*” A próxima questão em que se obteve uma resposta relevante foi: “Para você, o que é falar bem?” A resposta foi a seguinte: “*Falar de forma sucinta e clara, para que os ouvintes tenham entendimento do que está sendo ouvido.*” Ao ser questionado(a) sobre o uso de Manuais de Redação na graduação, FB respondeu que não teve contato nas aulas, apenas no estágio. E por fim, ao ser questionado(a) sobre algum teórico em que tenha aprendido sobre produção textual, citou Nilson Lage. Este autor aparece como referência básica em componentes mais específicos do jornalismo como, por exemplo, o componente “Produção da notícia”.

FB, a partir de suas respostas, permite concluir que há uma preocupação com a escrita correta, mais especificamente com a concordância correta. Para aprimorar a escrita e, conseqüentemente, a concordância, é necessário que se estude a gramática normativa. Ambas as habilidades estão relacionadas, portanto são exigidas do aluno de jornalismo. As respostas de FB não diferem das demais respostas obtidas através do questionário. Todos os alunos que participaram da pesquisa demonstram a mesma preocupação em ser claros, simples e objetivos.

No PPC de jornalismo da UFB fica evidente a preocupação com a expressividade clara e objetiva que deve ter o texto do jornalista e nas respostas dos(as) alunos(as) se confirma tal preocupação. É possível notar um descuido com conceitos de língua/linguagem por parte do curso. Este descuido fica evidente tanto no PPC quanto nas respostas obtidas.

Os alunos preocupam-se com questões de “compreensão”, apenas de recepção de mensagem, ou seja, se um texto tem as características estéticas para ser entendido, então este é um bom texto. Esta maneira de avaliar um texto deixa escapar o estudo do sentido, os diferentes sentidos que podem ser produzidos mesmo quando o jornalista tenta “simplificar” e “objetivar” o texto. Além disso, o público alcançado, como os próprios alunos jornalistas afirmam, é o mais variado,

sendo assim capazes de produzir os mais diversos sentidos, pois cada sujeito tem seu nível de compreensão, sua bagagem de leitura, o contexto em que vive e estas particularidades influenciam na hora da produção de sentidos.

Passando agora para a análise do PPC da instituição particular: UPC. O PPC da UPC tem como algumas das competências: *“Apurar e selecionar informações de real interesse jornalístico, bem como produzir matérias com clareza, consistência e ética, para diferentes dispositivos midiáticos; Desenvolver habilidade plena de comunicação tanto na língua escrita, quanto na língua falada; Perceber fatos de interesse jornalístico, apurá-los e transformá-los em mensagens para diferentes meios de comunicação.”* O que cabe destacar aqui sobre as competências são algumas palavras-chave para compreender o que é relevante para o curso. São recorrentes em todos os PPC’s que fizeram parte desta pesquisa expressões como: *“produzir matérias com clareza”, “apurar fatos e transformá-los em mensagens”, “desenvolver habilidade plena de comunicação na língua escrita e falada”.* Estas expressões mostram que faz parte dos perfis dos cursos de jornalismo aqui analisados uma preocupação com a linguagem utilizada pelo jornalista, porém esta preocupação está focada em questões superficiais do texto. O jornalista se preocupa em transmitir uma ideia com clareza, objetividade e imparcialidade. Ao usar estas características para descrever a escrita do jornalista, há um equívoco, pois de acordo com as teorias linguísticas discutidas anteriormente neste trabalho, existem alguns conceitos de língua e linguagem que permitem uma visão diferente ao jornalista como, por exemplo, o conceito de língua da Análise do Discurso afirma que a língua não é transparente, portanto o sentido não é imanente, não é óbvio. Considerando estes conceitos linguísticos sobre a língua, é possível que haja uma melhora no desempenho do jornalista em sua prática. O próximo passo é analisar o ementário deste PPC. Foram encontrados cinco componentes obrigatórios e um componente optativo que possuem informações importantes para a pesquisa.

Começamos pelo componente obrigatório “Língua Portuguesa Instrumental I”, que tem como ementa: “Fatores da textualidade. Expressão linguística na leitura e na escrita de textos. Problemas na escrita de textos.” Em suas referências básicas encontram-se textos que dão conta de fatores como: coerência, coesão, gramática e estrutura do texto. Estas informações indicam que a referência feita à língua portuguesa dentro do curso de jornalismo é baseada em um estudo normativista da língua e toca também em questões textuais. O jornalista se preocupa com questões

da materialidade linguística do texto. Para escrever bem, o jornalista deve apenas saber a gramática normativa e escrever com palavras simples e objetivas para a compreensão de todos os públicos.

No componente de “Redação Jornalística I”, a ementa é composta por: “Fundamentos do jornalismo. Linguagem da informação. Estrutura da notícia. Lide. Construção do texto.” As referências básicas são compostas por obras que contemplam a estrutura textual jornalística, fazendo parte destas referências o autor Nilson Lage (citado anteriormente).

O próximo componente é denominado “Teoria da Comunicação II”, em que a ementa trata do estudo da relação entre semiologia e semiótica: “aspectos conceituais e históricos, de semiótica peirciana, da perspectiva semiológica e da semiologia dos discursos sociais.” O componente tem como referências complementares autores como Ferdinand Saussure, com a obra *Curso de Linguística Geral*, e Mikhail Bakhtin, com a obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Talvez este componente seja o que mais aborde questões linguísticas, apesar de não aparentar trabalhar de maneira explícita conceitos de língua/linguagem.

O componente “Redação Jornalística II” é mais específico da área do jornalismo, tratando na ementa sobre: “Categorias do jornalismo, notícia: matéria-prima do jornalismo, técnicas de redação da notícia, pauta jornalística e entrevista, técnicas de redação jornalística, repórter e edição e produção de jornal laboratório.” Por ser um componente mais técnico do jornalismo, em suas referências complementares apresenta o Manual de Redação da Folha de São Paulo.

O último componente obrigatório a ser citado é intitulado “Comunicação e Filosofia”. Um componente que exhibe em sua ementa o estudo de “filosofia da linguagem e comunicação e epistemologia e comunicação.” Por se tratar de um estudo da filosofia da linguagem, um referencial que poderia ser acrescentado e usado como base para este estudo seria a obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, de Mikhail Bakhtin, porém esta obra não é citada, sequer nas referências complementares. Nas referências básicas aparecem: *Filosofia da comunicação e da linguagem* de Márcio Tavares D’Amaral, *Epistemologia: trechos escolhidos* de Gaston Bachelard e *Investigações Filosóficas* de L. Wittgenstein.

Tratando agora do componente optativo “Produção Criativa do Texto”, este possui a ementa: “Criação, criatividade e estilo: defeitos e efeitos da linguagem. Funções da linguagem e persuasão. Concisão e clareza: objetividade versus

ambiguidade artística. Reportagem e as formas narrativas literárias. Procedimentos de criação com figuras de linguagem.” O componente visa à criatividade, porém parece limitar esta criatividade a uma linguagem clara e objetiva. Na ementa do componente é explicitado que a linguagem possui defeitos, ou seja, supõe-se que haja uma forma perfeita de usar a linguagem e que esta forma perfeita cabe ao jornalista aprender. Outra questão relevante é a questão da objetividade. A objetividade está presente em muitos momentos nesta pesquisa, pois se mostrou de grande importância para o curso de Jornalismo e para seus estudantes. Porém, em nenhum momento é mostrado para os alunos de jornalismo que existe a subjetividade, que a subjetividade é mais do que usar palavras ambíguas, a subjetividade está presente em todos os textos, pois os sujeitos são diferentes e cada um é capaz de produzir e interpretar de acordo com sua ideologia, de acordo com sua formação discursiva. As referências básicas dão conta de técnicas de escrita do texto, focando mais no como escrever do que no(s) sentido(s) do texto.

Não foi possível aplicar o questionário para um ingressante da UPC, pois, apesar de ter sido feito contato com alunos desta instituição, nenhum se dispôs a responder as questões propostas.

FC respondeu ao questionário e segue a análise de suas respostas.

Primeiramente, a pergunta foi: “De acordo com sua concepção, o que é língua?” Parte da resposta de FC foi: “[...] *a nossa língua é a portuguesa. Todos os brasileiros se comunicam por meio da língua portuguesa, seja pela linguagem verbal, escrita ou gesticulada, a língua que usamos é o português. Partindo desta percepção básica de língua, ousa a dizer, que a língua é a peça-chave para que aconteça a comunicação por meio da linguagem (forma que usaremos para emitir a mensagem).*” FC atribui a língua ao idioma e também pode ser considerado como código comum para que as pessoas possam se comunicar. Outra pergunta foi: “Para você, o que é ser um bom jornalista?” Obteve-se como resposta: “[...] *é preciso saber escrever e se comunicar com as pessoas. O jornalista é aquele que escreve um texto que todos conseguiram ler, ouvir e enxergar. O repórter deve ter uma linguagem formal, mas simples, de modo que a pessoa com menos escolaridade e uma pessoa doutora em língua portuguesa consigam absorver a informação.*” A próxima questão era: “O que é preciso para que um texto seja bem escrito?” FC respondeu: “*O texto bem escrito é aquele que todos entendam, formal, mas simples, não coloquial. Parece paradoxal essa análise, mas é possível fazer um texto simples*

e formal, sem usar linguagem rebuscada, vamos deixar essa 'linguagem pomposa' para a academia. O texto jornalístico precisa ser simples para que atinja todos os públicos [...]” As respostas obtidas de FC permitem pensar que a língua é usada como um código para a comunicação e precisa ser usada da forma correta (simples e formal) para que a informação seja transmitida ao leitor com êxito.

A próxima questão trata do que é falar bem, para o(a) aluno(a) de jornalismo. A resposta foi: *“Falar bem, é ter uma dicção boa, pronunciar corretamente, não ter vícios linguísticos, tais como: “né, pois é, ã, é, hum, bah”, entre outros. Além destes requisitos, falar bem requer também um bom texto[...]”*. Esta resposta segue a mesma linha de pensamento das respostas anteriores. O texto deve ser formal e simples e ao falar deve-se evitar ser coloquial. FC não leva em consideração o gênero usado e nem a esfera social em que está sendo usado, ou seja, se o texto for bom e a fala for formal, não importa a que gênero pertença o texto nem em que esfera está sendo reproduzido. A reflexão sobre os gêneros e seus usos é importante, pois o jornalista escreve diferentes gêneros, portanto deve ter um conhecimento básico sobre eles já que cada gênero tem suas especificidades.

Ao perguntar sobre o contato com os Manuais de Redação, FC afirma que teve contato com manuais de redação dentro e fora da academia.

Destacam-se duas respostas que foram únicas entre todas as outras respostas. Quando perguntado o que é Linguística e se FC conhece algum teórico da área, as respostas são as seguintes: *“Linguística ao meu ver é o estudo a linguagem. É base teórica por trás da língua. Linguística é a ferramenta, a ciência da língua, o modo de estudar, pensar, refletir, problematizar a língua.”* E: *“Sim, Foucault. Que ao meu ver é o ‘pai’ da análise de discurso.”* FC demonstra que tem um pouco mais de conhecimento na área da Linguística do que os demais participantes da pesquisa, pois foi capaz de citar um autor e citar uma corrente específica da área que é a Análise do Discurso, porém, ainda que conheça uma corrente da área, demonstra que não considera questões como, por exemplo, a concepção de língua a partir de tal corrente, já que para FC a língua é um código comum para a comunicação.

Analisando o PPC do curso de jornalismo da UPC, nota-se que este apresenta embasamento para questões da superfície do texto, estruturação do texto, deixando a desejar questões como, por exemplo, conceitos linguísticos de língua e linguagem, sujeito, elementos a serem considerados no momento da produção

textual, entre outros. O PPC apresenta referências que poderiam ser mais bem utilizadas se abordadas questões de linguagem como, por exemplo, *Marxismo e Filosofia da Linguagem* e *Curso de Linguística Geral*.

Observando as respostas obtidas por FC, nota-se que este(a) tem bases coerentes com o PPC, pois ambos visam a escrita formal, simples e clara. Além disso, está fortemente presente a teoria da comunicação que embasa questões de língua para o PPC e para FC. Por outro lado, há também uma base sobre a área da Linguística que FC obteve estudando Análise do Discurso, porém provavelmente não provém obrigatoriamente de componentes do curso, já que este não oferece nenhum componente específico da área.

4.2 Respostas de Ingressantes e Formandos

As respostas a serem analisadas e comparadas foram coletadas todas da mesma forma, através de um questionário enviado por uma rede social e respondido a partir das experiências vivenciadas nos cursos de jornalismo. O objetivo é comparar as respostas de ingressantes e formandos para analisar quais as semelhanças e diferenças a serem encontradas, esperando que haja diferenças entre estes grupos.

A seguir serão apresentadas as respostas produzidas por IA.

IA tem como concepção de língua: “*Um código usado para que as pessoas possam se comunicar*”. Quanto à mudança na concepção de língua, o(a) aluno(a) considera que no ensino médio já tinha uma concepção parecida. IA considera um bom jornalista aquele que “[...] *consiga manter com o propósito da profissão (interesse público) mesmo dentro de uma empresa, sem ceder para os interesses privados*.” Para IA, para que um texto seja bem escrito, este precisa ser entendido pelo leitor. Falar bem também é questão de compreensão. Ao falar sobre a importância do leitor, IA revela que pensa no leitor, pois não adianta escrever um texto com um vocabulário complexo se o leitor não tem domínio do assunto. Sobre os Manuais de Redação, IA relata que tem contato com Manuais de Redação, usa para consultas de dúvidas frequentes do português e para conhecer os ideais de determinada empresa. Respondendo à pergunta de algum teórico da produção textual, são citadas Ligia Braslaukas e Cleide Floresta. Quando se pergunta o que é

a Linguística, IA responde que é a ciência que estuda a língua, porém não cita nenhum autor da área.

Passando para as respostas de FA, não se notam tantas diferenças. FA considera a língua um idioma, entretanto, também diz que é um órgão do corpo humano que ajuda na fala. Quanto à mudança na concepção de língua quando comparados o ensino básico e a graduação, FA revela que houve mudança, porém associa essa mudança a uma busca pessoal e vê uma mudança no seu conhecimento do português. Ainda nesta resposta afirma ser uma lástima não ter tanto estudo da gramática no curso de jornalismo. A seguir fala sobre o bom profissional de jornalismo: *“Um bom jornalista é aquele que passa para a sociedade a verdade sobre determinado assunto, mas no âmbito do português, creio que tem que saber a gramática. Não precisa usar palavras difíceis, claro, mas tem que saber passar ao outro, com clareza, o que quer transmitir.”* Para ele(a) um texto para ser bem escrito deve ter um bom linguajar, com concordância verbal correta, para que não haja erros interpretativos. FA responde que para ele(a) falar bem é falar com clareza, nem muito rápido, porém não tão devagar, falar de um modo simples, mas objetivo. Ao falar sobre a importância de pensar no leitor ao produzir um texto, ele(a) afirma que sempre tem que pensar no leitor, tem que pensar que existe um doutor ou alguém que não domine tanto o assunto lendo ou ouvindo, ou seja, não podemos tratar o leitor/ouvinte como um ignorante, mas também não se pode usar termos científicos sem explicá-los. Sobre o contato com os Manuais de Redação, revela que teve contato, porém não pode se guiar por um só, já que existem vários meios em que o jornalista trabalha e que não cabem ideais escritos nos Manuais. Não cita nenhum teórico nem da produção textual e nem da Linguística, porém diz que Linguística é um estudo da língua de determinado local.

Analisando a concepção de língua de ambos os lados, nota-se que não há uma evolução ao longo do curso, pois IA não percebe uma mudança considerável em sua concepção da educação básica para o ensino superior e FA atribui sua evolução a uma busca pessoal. Duas questões permeiam as respostas dos dois lados: a primeira é a questão do ser bem compreendido, do falar ou escrever com clareza, simplicidade e objetividade e a segunda questão é a do saber a gramática normativa. Estas duas questões estão fortemente presentes em ambas as respostas e aparentam não se modificarem no decorrer do curso.

Passemos agora para as respostas de IB e FB, a começar por IB. Para este(a) língua é um conjunto de palavras (ou gestos) de uma determinada sociedade ou classe. Considera ter tido uma mudança em sua concepção durante o percurso acadêmico em comparação ao ensino básico. Para ele(a) um bom jornalista transfere o essencial da informação para o seu público. Um bom texto é, em sua opinião, aquele que tem clareza na expressão das ideias. Falar bem é fazer bom proveito dos recursos orais (como volume, velocidade e tom de voz) para que a ideia que está sendo transmitida chegue com clareza aos ouvintes. IB diz que sempre pensa no leitor para selecionar o que vai dizer. Sobre o contato e importância dos Manuais de Redação, revela que já teve contato e acredita ser válido estudá-los, porém não se deter rigorosamente a estes. Não foi citado nenhum teórico da produção textual e nem da Linguística. Ainda sobre a linguística, IB acredita ser o estudo dos fenômenos da linguagem.

FB conceitua a língua como linguagem escrita e falada de cada nação. Este(a) considera uma mudança em sua concepção de língua durante o percurso acadêmico. É considerado por ele(a) um bom jornalista aquele que é capaz de apurar os fatos, ouvindo os dois lados da história, de forma ética e verdadeira. Para FB um bom texto tem que ter concordância e respeitar moldes do texto jornalístico. O falar bem é considerado através do modo sucinto e claro, para que os ouvintes tenham entendimento. Ao perguntar sobre o pensamento no leitor ao produzir um texto, FB coloca da seguinte forma: “*Sim. Me coloco no lugar do leitor/ouvinte, de forma que seja capaz de compreender o texto que estou lendo[...]*” Este(a) revela só ter tido contato com Manuais de Redação em seu estágio. Cita um autor da produção textual: Nilson Lage, mas não cita nenhum da Linguística. Para ele(a) a Linguística é o estudo da linguagem.

Fazendo a comparação das respostas obtidas, nota-se a diferença nos conceitos de língua, sendo um conceito o de língua como conjunto de palavras ou gestos e o outro conceito de língua como sinônimo de idioma. Apesar de usarem palavras diferentes para responder, as respostas se assemelham muito. IB refere-se mais de uma vez à importância da clareza no exercício da profissão (tanto na escrita quanto na fala). FB atribui a qualidade do texto ao estudo da gramática normativa ao saber escrever “corretamente”. Ressalta também a importância da clareza e de como o jornalista deve falar e escrever de maneira que seja bem compreendido. A relevância dos Manuais não fica evidente, porém ambas as pessoas tiveram contato

com tal material. As informações obtidas permitem pressupor que não há grandes diferenças entre as respostas de ingressantes para respostas de formandos(as).

As respostas obtidas de FC não serão apresentadas por não ter sido possível coletar respostas de um ingressante da mesma instituição, portanto não há como ser feita a comparação.

Concluindo a análise das respostas, foi possível observar que não há diferenças relevantes entre respostas de ingressantes e de formandos, mesmo sendo esperadas diferenças de conceitos de língua e linguagem entre estes grupos, já que formandos estão concluindo o curso e esperava-se que tivessem uma compreensão maior destes conceitos do que ingressantes que estão no início do curso.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os objetivos deste trabalho foram alcançados, permitindo então a chegar às considerações abaixo.

A Linguística está pouco presente nos cursos de jornalismo, pois foram encontrados alguns teóricos nos PPC's, porém, verificando a ementa dos componentes, pode-se supor que os autores citados são usados para trabalhar conceitos específicos do jornalismo, ou de áreas específicas que servem para a Linguística e também para outras áreas (que é o caso da Semiótica) e não se detém a trabalhar conceitos de língua, linguagem e/ou sujeito.

Dentro dos cursos de jornalismo há uma forte presença da gramática normativa e uma importância considerável do uso dos Manuais de Redação, de acordo com as respostas obtidas dos alunos.

A concepção de língua que apareceu com mais frequência e que tem mais relação com a área da Linguística é a concepção de língua como código de comunicação. O problema desta concepção é que ela não dá conta de alguns fatores que existem no momento da comunicação e que interferem em muitos pontos como, por exemplo, o leitor que recebe o texto produz um sentido que nem sempre é o esperado pelo autor do texto.

Por mais que se tente tornar objetiva a linguagem utilizada, de acordo com a Análise do Discurso, os textos são subjetivos por terem condições de produção diferentes, por serem recebidos por leitores (sujeitos) diferentes e pelos sujeitos estarem inseridos em diferentes formações discursivas. Além da Análise do Discurso, outra corrente linguística que contribui com a questão da subjetividade é a Teoria da Enunciação de Émile Benveniste, a qual afirma que o indivíduo se constitui como sujeito no momento em que se apropria da língua e se posiciona diante do texto. Esta visão é bem diferente do leitor descrito nas respostas dos alunos de jornalismo, pois estes descrevem um leitor que compreende, mas em nenhum momento falam em um sujeito que se posiciona diante da informação. Ou seja, o leitor apenas recebe a informação dada como pronta, verdadeira, clara e objetiva e não precisa construir sentido(s) a partir dela.

Levando em consideração a visão que o jornalista tem de seu leitor e relacionando-a com a teoria de Bakhtin, nota-se que, se o leitor for como o jornalista idealiza, um leitor que só recebe a informação dada como pronta e verdadeira, ele

não reflete sobre o que lê, sendo assim, não percebe as diferentes vozes e ideologias presentes em um mesmo texto.

A análise dos PPC's e as respostas dos alunos permite refletir sobre a historicidade. Os alunos e os cursos analisados apontam que sua principal teoria é a teoria da comunicação, esta teoria não leva em consideração a historicidade da linguagem. Sendo assim, outras teorias, como, por exemplo, a teoria da enunciação, dão conta da historicidade da linguagem, dando mais propriedade e suporte ao jornalista na hora de escrever.

Sobre a visão de língua dos Manuais de Redação, o jornalista deve ficar atento e não se prender a uma única visão existente nos manuais. Estes são materiais de frequente consulta dos alunos de jornalismo e devem ser analisados criticamente, de acordo com Corrêa (2009). A partir da visão pragmática, é possível analisar que os manuais apresentam “palpites” sobre a língua e ditam “regras” de como deve ser a escrita jornalística, pois o uso da linguagem mesmo quando é controlado permite que se façam escolhas e essas escolhas podem gerar diferentes interpretações, portanto a tentativa do jornalista de ser imparcial, claro e objetivo não é totalmente atingida.

Considerando respostas sobre como deve ser uma boa fala, é possível afirmar que os participantes da pesquisa relataram como pontos importantes recursos da oralidade que independem da situação de comunicação. Os estudantes desconsideraram questões de adequação de gênero, atendo-se a questões como boa dicção, volume adequado, ritmo adequado, boa entonação. O que poderia contribuir para esta concepção de boa fala é a teoria dos gêneros de Bakhtin, em que é necessário utilizar o gênero adequado em uma esfera social adequada.

Durante a análise dos PPC's foram encontrados autores como Saussure, Bakhtin, Pêcheux. Porém, quando estes eram estudados, não havia vestígios de um estudo da concepção de língua ou linguagem. Estes autores poderiam ser aproveitados para este estudo que contribuiria para a visão dos jornalistas e conseqüentemente para sua prática.

Concluindo, o perfil do jornalista encontrado na realização da pesquisa não difere do jornalista citado em Moraes (2004; 2011), pois ambos têm uma concepção de língua limitada, têm uma visão pouco crítica sobre os manuais de redação e dão maior importância a questões da gramática normativa do que propriamente da língua em geral.

REFERÊNCIAS

AUSTIN, John L. **Quando dizer é fazer**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BAKHTIN, Mikhail (Volochínov). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Editora Hucitec, 2010a.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010b.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010c.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**. São Paulo: Pontes, 2005.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral II**. São Paulo: Pontes, 2006.

BORNEMANN, Neila B. de O. Ferdinand de Saussure e o objeto da linguística. **Linguasagem** (São Paulo), v. 18, p. 1-11, 2011. Disponível em: <<http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/saussure/bornemann.pdf>> Acesso em: 08 de out de 2016.

CONCEIÇÃO, Rute Izabel S. As particularidades do “Enunciado Concreto” e a construção do Discurso escolar-científico. **Interletras** (Dourados), v. 1, p. 1-15, 2008. Disponível em: <http://www.unigran.br/interletras/ed_anteriores/n6_n7/textos/particularidades.pdf> Acesso em: 04 de jun de 2016.

CORRÊA, Manoel Luiz G. **Linguagem e comunicação social: linguística para comunicadores**. São Paulo: Parábola, 2009.

COSTA, Gláucia Rejane da. A Força Illocucionária nos Atos de Fala do Gestar II. Interdisciplinar: **Revista de Estudos em Língua e Literatura**, v. 10, p. 263-279, 2010. Disponível em: <<http://www.seer.ufs.br/index.php/interdisciplinar/article/view/1245/1081>> Acesso em: 22 de mai de 2016.

FERREIRA, M. C. L. **Glossário de termos do discurso**. 01. ed. Porto Alegre: Gráfica da UFRGS, 2001.

FONTANA, Ana Cláudia C. SCHROEDER, Denise Ap. C. LESIKO, Simone Ap. Histórico da Subjetividade nos Estudos Linguísticos. Ponta Grossa, **Uniletras**, 2008. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/uniletras/article/viewFile/519/522>> Acesso em: 16 de jul de 2016.

GRANGEIRO, Claudia Rejanne P. **A propósito do conceito de Formação Discursiva em Michel Foucault e Michel Pêcheux**. II SEAD - Seminário de Análise do Discurso, 2005, Porto Alegre. Anais do II SEAD. Porto Alegre, 2005. Disponível em: <<http://anaisdosead.com.br/2SEAD/SIMPOSIOS/ClaudiaRejanePinheiroGrangeiro.pdf>> Acesso em: 27 de jul de 2016.

GRANTHAM, M. R.. **A propósito da Análise Automática do Discurso**: atualização e perspectivas. In: Freda Indursky; Maria Cristina Leandro Ferreira. (Org.). Michel Pêcheux e a análise do discurso: uma relação de nunca acabar. 1ed. São Carlos: Clara Luz, 2005, v. 01, p. 137-142. Disponível em: <<http://anaisdosead.com.br/1SEAD/Paineis/MarileiResmineGrantham.pdf>> Acesso em: 03 de out de 2016.

KOCH, Igedore G.V. **A Inter-ação pela linguagem**. Linguagem e ação. São Paulo: Contexto, 2000.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e Poética**. São Paulo: Cultrix. 2003.

LAGE, Nilson L. **Linguagem Jornalística**. 1a. ed. São Paulo: Ática, 1987. v. 1. 78p. Disponível em: <http://nilsonlage.com.br/wp-content/uploads/2015/04/Linguagem_comp_.pdf> Acesso em: 16 de out de 2016.

MORAES, Érica de. Jornalismo e Linguística: uma proposta de InterComunicação. **Revista online da Rede Alcar**, 2004. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais1/encontrosnacionais/2oencontro20041/Jornalismo%20e%20Linguistica%20uma%20proposta%20de%20InterComunicacao.doc/at_download/file> Acesso em: 02 de ago de 2016.

MORAES, Érica de. Contribuição da Análise do Discurso para a concepção de linguagem do jornalista. **Estudos Linguísticos** (São Paulo. 1978), v. 40, p. 1316-1325, 2011. Disponível em:

<http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/40/el.2011_v3_t11.red6.pdf>
Acesso em: 02 de ago de 2016.

MUSSALIM, Fernanda; MENDONÇA, Marina Célia. Apontamentos acerca da crença na neutralidade do discurso: em pauta a problemática da produção de sentidos. In: FIGUEIREDO, M. F; MENDONÇA, M. C.; ABRIATA, V. L. R.. (Org.). **Sentidos em movimento: identidade e argumentação**. 1ed. Franca: Ed. da UNIFRAN, 2008, v. 3, p. 127-148.

OTTONI, Paulo. John Langshaw Austin e a visão performativa da linguagem. **D.E.L.T.A.**, 18:1, 2002 (117-143). Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/delta/v18n1/a05v18n1.pdf>> Acesso em: 21 de jul de 2016.

PECHÊUX, Michel (1969). Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET & HAK (org). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pechêux Campinas: Ed. Unicamp, 1990, p.61-162.

PECHÊUX, M. & FUCHS. C. (1975). A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET & HAK (Org). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pechêux. Campinas: Ed. Unicamp, 1990, p.163-252.

PINTO, Joana P. Pragmática. In: MUSSALIM, Fernanda. BENTES, Anna Christina. (Org.) **Introdução à Linguística 2**: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez. 2003.

RECHDAN, Maria Letícia de A. **Dialogismo ou Polifonia?** São Paulo. 2003.

RIBEIRO, Luis Filipe. O conceito de linguagem em Bakhtin. **Revista Brasil de Literatura** (Rio de Janeiro), v. Único, p. sem número-s/n, 2007. Disponível em: <<http://revistabrasil.org/revista/artigos/crise.htm>> Acesso em: 25 de set de 2016.

RODRIGUES, Rômulo da S. V. Saussure e a definição da língua como objeto de estudos. **ReVEL**. Edição especial n. 2, 2008. p. 1-25. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_esp_2_saussure_e_a_definicao_de_lingua.pdf> Acesso em: 24 de out 2016.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Editora cultrix, 2008.

SEVERO, Cristine G. Sobre o sujeito na perspectiva (do Círculo) de Bakhtin. **Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades**, v. VII, p. 45-60, 2008. Disponível em: <<http://publicacoes.unigranrio.com.br/index.php/reihm/article/view/9/16>> Acesso em: 10 de out. 2016.

SILVA, Danielle S. LEITE, Francisco de F. O subjetivismo idealista e o objetivismo abstrato no círculo de Bakhtin. Miguilim - **Revista Eletrônica do Netlli**, v. 2, p. 38-45, 2013. Disponível em: <<http://periodicos.urca.br/ojs/index.php/MigREN/article/viewFile/555/519>> Acesso em: 26 de jul de 2016.

SOBRAL, Adail. **Sobre os gêneros do discurso em Bakhtin**. Pelotas: Universidade Católica de Pelotas, 2010.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 – Questionário aplicado aos alunos dos cursos de Jornalismo

1. De acordo com sua concepção, o que é língua?
2. Você considera que houve uma mudança notável em sua concepção de língua comparando a educação básica e o percurso na graduação?
3. Para você, o que é ser um bom jornalista?
4. E o que é preciso para que um texto seja bem escrito?
5. Para você, o que é falar bem?
6. Você pensa no seu leitor/ouvinte no momento de produzir algum texto escrito/oral? Justifique sua resposta.
7. Você já teve contato na graduação com Manuais de Redação de jornais? Se sim, qual é a relevância deste material para a sua futura atuação profissional?
8. Se tivesse que escolher um teórico que estudou e considera que aprendeu bastante com ele em relação à produção textual, qual citaria?
9. O que você entende por Linguística?
10. Você conhece algum teórico desta área? Se sim, qual?

APÊNDICE 2 – TERMO DE CONSENTIMENTO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do projeto: Conceitos linguísticos e suas contribuições para a prática Jornalística: Até onde é feita essa relação nos cursos de Jornalismo?

Pesquisadora responsável: Aline Medeiros

Pesquisadores participantes: Prof.^a Dr.^a Taíse Simioni

Instituição: Universidade Federal do Pampa – Unipampa

Telefone celular do pesquisador para contato (inclusive a cobrar): (53) 91485383

Endereço eletrônico da pesquisadora responsável: alineam2008@gmail.com

Você está participando, como fonte de dados importantes para uma relevante pesquisa intitulada: “Conceitos linguísticos e suas contribuições para a prática Jornalística: Até onde é feita essa relação nos cursos de Jornalismo?”. A pesquisa realizada é para o Trabalho de Conclusão de Curso da pesquisadora Aline Medeiros, que cursa Licenciatura em Letras – Português e suas respectivas Literaturas. A pesquisa tem por objetivo investigar a presença da Linguística nos cursos de Jornalismo da região Sul. Justifica-se pela importância da relação das duas áreas, com ênfase na colaboração que a Linguística pode oferecer à prática do jornalista.

Por meio deste documento e a qualquer tempo você poderá solicitar esclarecimentos adicionais sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar. Também poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento, sem sofrer qualquer tipo de penalidade ou prejuízo.

Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra será arquivada pelo pesquisador responsável.

A coleta de dados para esta pesquisa será feita através de perguntas relacionadas às suas experiências no curso de Jornalismo em relação à área de Linguística. Em momento algum o seu nome será citado ou o de sua Universidade.

A pesquisa poderá apresentar benefícios para os discentes e profissionais da área do Jornalismo e demais interessados, pois os resultados poderão gerar uma

reflexão sobre os conceitos de língua/linguagem, o que trará uma visão ampliada sobre a área da Linguística e poderá contribuir para a prática jornalística. Além de contribuir com a prática, esperamos que os resultados apresentem pontos que podem ser melhorados nos currículos dos cursos de Jornalismo, contribuindo para uma formação de qualidade.

No momento que o participante desejar saber mais informações sobre o andamento da pesquisa, poderá entrar em contato com a pesquisadora responsável.

Para participar deste estudo você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Os gastos necessários para a sua participação na pesquisa serão assumidos pelos pesquisadores.

Seu nome e identidade serão mantidos em sigilo, e os dados da pesquisa serão armazenados pelo pesquisador responsável. Os resultados poderão ser divulgados em publicações científicas, porém serão usados nomes fictícios.

Depois de concluída a pesquisa, o retorno de seus resultados será feito através de contato em rede social ou e-mail com o participante colaborador.

Nome do Participante da

Pesquisa: _____

Assinatura do Participante da Pesquisa

Nome do Pesquisador Responsável: Aline Azevedo Medeiros

Assinatura do Pesquisador Responsável

Local e data: _____